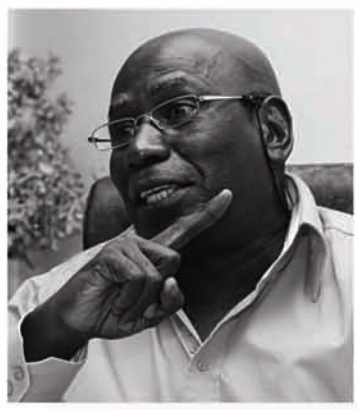
Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

11 a 22 de Novembro de 2015 | Nº 95 | Ano IV Director: **José Luís Mendonça** •Kz 50,00









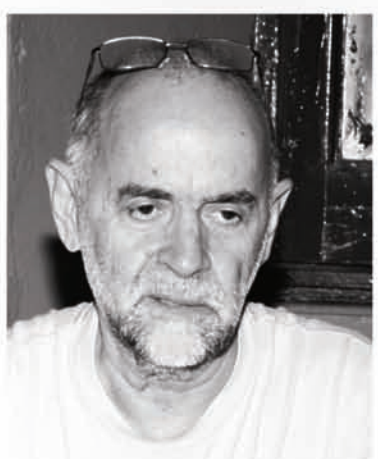


LETRAS

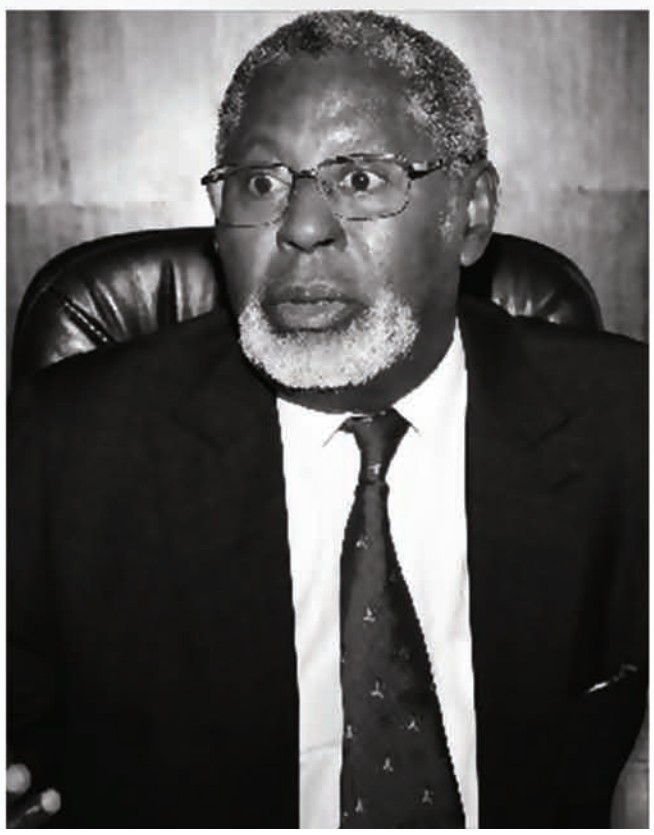
1975 – 2015
VOZES E RITMOS ANGOLANOS NA GRANDE ORQUESTRA DA INDEPENDÊNCIA

PÁG. - 6-8











POEMA DE AGOSTINHO NETO

A VOZ IGUAL



Neste amanhecer vital
para os acontecimentos extraordinários
por montes e rios, por anharas e preconceitos
caminhamos já vitoriosos
sobre a condição moribunda

Um amanhecer vital
em que se transforma as sensações orgânicas
sobre o solo pátrio

As flores apenas pétalas e aroma
os homens apenas homens
o lavrador possuindo a terra em associação perene
o operário da fábrica consciencializado a máquina
e a nossa voz gritando igual no seio da Humanidade
na mesma hora em que a mentira
se esconde na covarde violência

Os homens saídos dos cemitérios da ignorância
das ossadas insepultas dos arrabaldes das cidades
nas sanzalas e nas terras estéreis
são os eleitos
os participantes efectivos no festim da nova vida
e das suas vicissitudes

Os homens
cuja voz descansou sob a condição e sob o ódio
e construíram os impérios do Ocidente
as riquezas e as oportunidades da velha Europa
mantendo os seus pilares sobre a angústia pulsátil dos braços
sobre a indignidade e a morte dos seus filhos
os homens sacrificados nos traços paralelos das vias férreas
cujo sangue se encontra nas argamassas
lançado com pontes e estradas
também prenderam as águas nas barragens
com as suas mãos formidáveis e com os seus mortos
deram ao brilho das metrópoles ouro e diamantes
e das entranhas da terra mungiram óleos e farturas
para os sorrisos ingratos
e na sua bondade na sua visionária esperança
pediram às estrelas
apenas o complemento espiritual do dia escravo
Povo genial heroicamente vivo
onde outros pereceram
de vitalidade inultrapassada na História
alimentou continentes e deu ritmos à América
deuses e agilidade nos estádios
centelhas luminosas na ciência e na arte

Povo negro
homens anónimos no espírito da triste vaidade branca
agora construindo a nossa pátria
a nossa África
e no traço luminoso dos dias magníficos de hoje
definem a África solidária e esforçada
contra os desvarios duma natureza incongruente
na independência
num mundo novo com a voz igual

chegada a hora das transformações cósmicas
que atingem a terra e catalisam os fenómenos
o raio mortífero da revolução
pulveriza a submissão do homem
e na força da amizade se encontram as mãos
se beijam as faces

Na hora das transformações humanas
o chilreio infantil da mocidade feliz
cantando em rodas ensaiadas pelos avós
falando nas nossas línguas a tradição da nossa terra
harmonizando as vozes na hora da independência
reconquistando o solo pátrio
para o nosso homem
preenche-lhe o vazio
Cantam nas praças e nos templos da sabedoria
as raparigas os poetas o brilhos das estrelas
mergulhadas as raízes no húmus ancestral da África

Chegados à hora
fervilha a impaciência nos corações que lutam
pelo fumegar das fábricas e chiar dos guindastes
homens e rodas, suor e ruido
conjugados na construção da pátria libertada
conscientemente na construção da pátria
sem que o germe da exploração lhe penetre
sem que a voz nauseabunda do capataz
anuncie o cair do chicote
e os homens felizes na incomodidade de hoje
nos campos de batalha, nas prisões, no exílio
construindo o amanhã, para uma terra nossa uma pátria nossa
independente
Construção
e
reencontro
Chegados à hora
caminha o povo infatigável para o reencontro
para de novo se descobrir e fazer



nas melodias e nos cheiros ancestrais
na modificação progressiva dos sacrifícios aos deuses
nas violências sagradas e nos ritos sociais
na revivificação e na carinhosa adoração dos mortos
no respeito do vivos
nas orgíacas práticas do nascimento e da morte
na iniciação da vida e do amor
no milagroso pacto entre o homem e o cosmos

Reencontrar a África no sorriso
no choque diário com os fantasmas da vida
na consagração da sabedoria e da paz
livres do constrangimento livres da opressão livres
Reencontrar-se nos campos de trabalho
na socialização
na entreajuda gloriosa nos campos
nas construções
nas caçadas
na colectivização das catástrofes e alegrias
na congregação dos braços para o trabalho
reencontrar-se nas tradições e nos caminhos feiticeiros
no medo no furor dos rios e cataratas
na floresta na religião na filosofia
a essência para a nova vida de África

Ressuscitar o homem
nas explosões humanas do dia a dia
na marimba no chingufo no quissange no tambor
no movimento dos braços e corpos
nos sonhos melodiosos da música
na expressão do olhar
e no acasalamento sublime da noite com o luar
da sombra com o fogo do calor com a luz
a alegria dos que vivem com o sacrifício gingado dos dias

Reencontrar
nos sagrados refúgios das horas de angústia
os homens perdidos nos labirintos alcoólicos
vícios da escravidão
e socorro extremo para a fome crónica
dos dias de frio e de calor de tristeza e de alegria
dos dias de farra e dos dias de rusga
dos minutos importantíssimos da existência imediata
imprevisível indispensável
com ódios amizades traições riso choro força
fadiga energia ânimo desânimo silêncio
ruídos de terramoto soltos pelas mãos
ansiosas de êxito e de esquecimento
e de sonoras palavras nas letras das músicas desesperadas
lançadas nos bailes de sábado sobre as poeiras dos quintais
e o desejo incontido de se realizar
de ser homem
de encontrar o calor supremo na superfície carnal do outro
a voz amiga na laringe longínqua do outro
afagando um pouco a vida
num artifício monstro da liberdade ansiada

Reencontrar nos álcoois
No sangue demoníaco das entranhas feiticistas da terra
onde se espelham os horizontes infernais da morte
e se cruzam razão e loucura
bílis amaríssima no encarceramento da prudência
e da capacidade
buscar nos álcoois
o amor à cultura à investigação à criação
à explicação do cosmos
o domínio da seta veloz sobre a vida do antílope
da água sobre as chamas ateadas pelo raio
a forma e o âmago
do estilo africano de vida

Do caos para o reinício do mundo
para o começo progressivo da vida
e entrar no concerto harmonioso do universal
digno e livre
povo independente com voz igual
a partir deste amanhecer vital sobre a nossa esperança.

Arquipélago de Cabo Verde
Ponta do Sol
Dezembro de 1960

MANHÃ DE ONZE DE NOVEMBRO



SABIA A SOL A MARÉ DA MADRUGADA

SABIA A SAL DO SOL SEM DESPEDIDA

SABIA A MULHER POR MAIS AMADA

COM BOCA DE BEIJAR NUNCA SABIDA

SABIA AO BALOUÇAR DE UMA JANGADA

NUM RIO DE SABOR A DOR SOFRIDA

SEM CABO NEM ÂNCORA FERRADA

EM PRAIA COM A LUA ENTORPECIDA

AS CORES PINTANDO O CÉU NUMA QUEIMADA

CAPIM ARDENDO COMO FOGO EM FERIDA

NA TERRA UMA LÁGRIMA CALADA

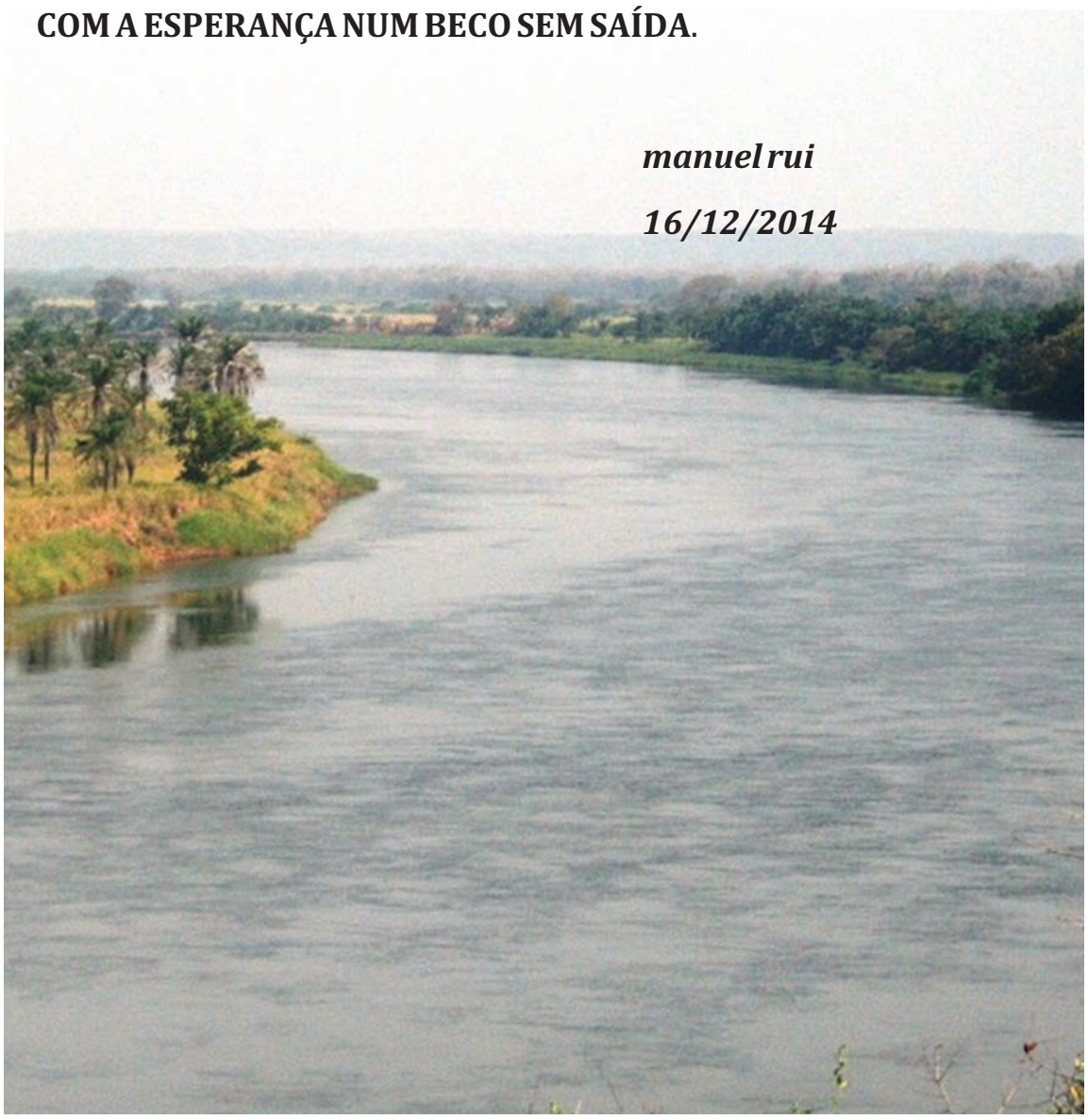
A SORTE CADA VEZ MAIS ESQUECIDA

DE UMA MANHÃ QUE FOI TUDO E QUASE NADA

COM A ESPERANÇA NUM BECO SEM SAÍDA.

manuel rui

16/12/2014



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido
com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 95 /Ano IV/ 11 a 22 de Novembro de 2015

E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL:

Director e Editor-chefe: José Luís Mendonça
Secretária: Ilda Rosa
Assistente Editorial: Coimbra Adolfo (Matadi Makola)
Fotografia: Paulino Damião (Cinquenta)
Arte e Paginação: Sandu Caleia, Jorge de Sousa, Alberto Bumba e Sócrates Simóns
Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Agostinho Neto, André Lukamba, Armindo Jaime Gomes, Francisco Keth, Lito Silva, Manuel Rui, Madalena Júlio, Mário Araújo, Mário Pereira.

Portugal: Artur da Costa S. Silva

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e recensões bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

PROPRIEDADE

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 |Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração
António José Ribeiro (presidente)

Administradores Executivos
Catarina Vieira Dias Cunha
Eduardo Minvu
Filomeno Manaças
Sara Fialho
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
José Alberto Domingos

Administradores Não Executivos
Victor Silva
Mateus Morais de Brito Júnior

TRAJECTÓRIA DA NAÇÃO ANGOLANA

CONTRIBUIÇÃO SINTÉTICA PARA O 40º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

IV – INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO ANGOLANA



ARMINDO JAIME GOMES (ARJAGO)1

Ilustração de Ângelo de Carvalho



O fio condutor das energias da força vital das elites sociopolíticas de Angola foi forjado pelo mercantilismo dos séc. XV/XIX, com a emersão da burguesia esclavagista africana. Em consequência do abolicionismo do séc. XIX, esta classe converteu-se na burguesia mercantil do sertão substituindo o escravo traficado por mercador de marfim, látex e cera. Para asseguramento de mão-de-obra reduzindo as despesas com honorários e a criação de áreas de influencia que, estrategicamente os sertanejos e pombeiros de toda índole esposaram as filhas dos Sobas, cruzando a burguesia mercantil com a aristocracia endógena uterina. Com o declínio do mercado sertanejo, o tipo de alianças entre a burguesia mercantil e a aristocracia rural converteu-se no pilar da burguesia eclesiástica (SANTOS, 1969) com a fundação de missões protestantes rurais circunfechadas nos princípios do Decreto 77/21, de 9 de Dezembro (HENDERSON, 1990) e do Acto Colonial, com destaque a Kibokolo para os cristãos baptistas, Késua aos metodistas, Dôndi entre os congregacionais (SANTOS, 1969).

É com o Acto Colonial (1933/1974) que se estabeleceu a supremacia colonial sobre a população angolana (ALEXANDRE, 2000), fase correspondente à conjuntura traduzida no desejo de romper com a orientação republicana reflectindo a perene apreensão face ao início das manifestações (CASTRO, 1996) nacionalistas dos angolanos (ROCHA, 2001), bastando recordar a fundação da Organização Socialista de Angola (OSA) com berço ideológico entre estudantes reinóis do Liceu do Huambo (1937/1948) e a criação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) por jovens assimilados do litoral. No início da década de 1950, foi criado o Clube dos Marítimos Africanos (CMA) e, em 1953, o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUA) tal como o movimento político da União das Populações do Norte de Angola (UPNA) enquanto em 1955 criou-se o Partido Comunista de Angola (PCA) (cfr., op. cit.).

Neste período Angola tornou-se espaço fértil de manifestações sociopolíticas tendo conhecido reacções anticoloniais de toda ordem aparentemente isoladas, com lideranças anónimas ou de chefaturas residuais tradicionais endógenas, incluindo greves de trabalhadores brancos, particularmente no litoral, onde o desenvolvimento das forças produtivas já era perspectivado no âmbito colonial sobretudo em Luanda, Lobito, Benguela e no planalto (ROCHA, 2001) forçando o sistema a criar uma entidade policial de repreensão.

Embora date de 1956 (ALEXANDRE, 2000), foi em 1954 que se criou a delegação angolana da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)/DGS – Direcção Geral de Segurança (1969), com a missão de reprimir a consciência nacional. Nos seus actos respondendo à conjuntura, através de desterros, criação de povoações heterogéneas, no caso do planalto influenciado pela MIIA2 (1964/1974) e a Extensão Rural (1969/1974), promoção de fugas de angolanos de área sociocultural a outra, esta polícia contrariou as medidas que entravavam o convívio inter-étnico e que asseguravam a separação de africanos por decretos.

Os instrumentos aplicados na gestão colonial desta época, serviram de inserção da burguesia rural no sistema pois, bisnetos dos pombeiros e sertanejos; reinóis, mestiços, assimilados assim categorizados, eram filhos de Sobas, Padres, Pastores e elites eclesiásticas, beneficiários de bolsas de educação ocidental que, de volta coadjuvaram os pais e irmãos uterinos, submetidos ao indigenato (CRUZ, 2006), na luta contra o colonialismo (1945/1975). Assim, a década de 1960 despertou a consciência africana (CASTRO, 1996) então humilhada ao longo de 478 anos (1960-1482) unindo fileiras em torno de movimentos políticos representativos; a UPA (1954) do berço dos baptistas de Kibokolo, o MPLA (1956) germinado entre renóis litorâneos e metodistas do Késua, a UNITA (1966) subsidiada pelos congregacionais do Dôndi. Incapazes de se livrarem dos traumas do impacto do Decreto 77/21 e do Acto Colonial (1933), cujo défice da consciência de unidade nacional, levou-os ao Pacto de Alvor (1975), tentaram sem êxitos formalizar o espírito de reconciliação (HEIMER, s/d). Induzida pela interpretação da visão ocidental, a formalização da reconciliação na perspectiva Bantu em função da realidade angolana aqui descrita, torna-se nula pois o substrato sociocultural da raiz ntu é, por sua própria natureza, reconciliável e solidário.

A independência de Angola foi proclamada a 11 de Novembro de 1975 no clima nacionalista, sem premissas de unidade (ROCHA, 2001); Portugal deixava Angola como província ultramarina gerida através do Acto Colonial (1933) instrumento auxiliado pelo Decreto 77/21. Vindos da resistência armada, sem terem conseguido ultrapassar as diferenças (cfr., ROCHA, 2001 & HEIMER, s/d), do impacto destes dois instrumentos, os angolanos comprometiam-se herdar uma província ultramarina de retalhos etnonacionais com complexos socioculturais formalmente fechados, mais ou menos, entre si. Não obstante às desavenças (LARA, 1998, 2006 & 2008) devidas da interpretação do Pacto de Alvor (1975) pelos três movimentos representativos, o ponto culminante, servindo de alarme das fissuras à nacionalização da consciência angolana, como um todo diversificado, coube a um movimento aparentemente espontâneo dado por Fraccionismo, por ter se articulado da dissidência do MPLA que, em 1977 tentou alterar o quadro político dos primeiros dois anos da independência.

Face a imprevisibilidade do contexto, na administração de um conjunto de realidades socio-políticas, etnolinguísticas, multicultural e multiracial, o MPLA realizou o primeiro congresso (1977) servido de instrumento de transição de movimento de libertação ao partido político, definindo a sua ideologia com a aprovação do programa e estatutos. No seu projecto de inependência, estabeleceu as linhas-mestras do desenvolvimento económico e social para os primeiros três anos de governação da República Popular de Angola (1977/1980). Desde então, tornaram-se mensuráveis as estratégias de (des)construção da «Nação Angola» capitalizando-se na seguinte palavra de ordem: «De Cabinda ao Cunene, um só povo, uma só nação!». Como indicadores as referidas estratégias medem-se:

i) por intermédio de um programa nacional de encaminhamentos de adolescentes e jovens de uma área sociocultural a outra, massificando-se a educação formal em todos os níveis. Sem medir custos, incalculáveis contingentes de angolanos beneficiaram-se de bolsas dentro e fora do país;

ii) a mesma estratégia serviu no recrutamento de jovens abrangidos pelo serviço obrigatório das FAPLA. Até então fechado por áreas socioculturais, a República Popular de Angola

abria-se rompendo as barreiras do impacto dos Decretos 77/21, de 9 de Dezembro de 1921 e do Acto Colonial de 1933 que levaram ao fracasso (TEIXEIRA, 2010) do Pacto de Alvor (1975) e à chamativa tentativa fraccionista no MPLA de 1977.

Os angolanos das mais novas gerações viviam os primeiros anos da independência nacional (1978/1980) conhecendo Angola à medida que iam se redescobrindo. Aos adultos (GOMES, 2013), foi projectada a megacampanha de alfabetização de que a República Popular de Angola mereceu um prémio da UNESCO (NGULA, 2003). Embora se tenha aplicado o método da guerrilha, ao invés de freireano, foi um outro meio estratégico que serviu para conscientização (FREIRE, 2001)) do cidadão de Angola independente.

Entretanto, apesar de tudo que caracteriza a guerra civil (1975/2002), resultante da interpretação do Pacto de Alvor (1975), foi ela a força motriz da construção da nação angolana. De uma maneira ou de outra nós angolanos fomos autores e actores: todos sofremos atacando-nos, defendendo-nos, clamamos pela paz, solidarizando-nos, reconciliando-nos, reconhecendo-nos pela identidade, enfim, forjamo-nos na consciência de sermos os mesmos no mesmo espaço, com o nosso próprio sangue tal como em fases de povoamento deste território que vindos das realidades não-Bantu e Bantu, cruzamo-nos ao reassentamento pré-colonial (séc. XV/XIX), triangulamo-nos com o colonialismo (XIX/XX) e o processo continuou sendo assumido depois da celebração do Memorando de Entendimento do Lwena (2002).

Hoje, 13 anos depois do Memorando ora referenciado, aos 40 anos da proclamação da independência nacional, para uma realidade cuja população é maioritariamente jovem, a linguagem da antropologia colonial (PARREIRA, 1998) relativamente aos preconceitos de raça, etnia, credo, região, absorveu-se do léxico nacional. Terminologias de complexos de superioridade versus inferioridade tais como matumbo, (in)civilizado, gentio, sanzaleiro, munano, patrício, kamundongo, mukakwiza, malanjino, bailundo, cafuso, cabrito, ganguela, calcinha, mato, sanzala, musseque, quimbo, etc., foram substituídos por identitários: do Huambo, de Cabinda, do Lwena, do Uíge, da província, do município, etc.

Se Angola é ou não uma nação, a resposta está nos paradigmas precipitados no contexto social e cultural da trajectória histórica de Angola ao 40º aniversário da sua independência pois, não é menos verdade que as fronteiras, que nos foram separando, mediantes estereótipos e preconceitos, ergueram-se a partir do exterior. Os etnónimos que o povo angolano é alvo no caso de Bakhongo, Ambundu, Balunda, Cokwe, Ovimbundu, Vangangela, Valwimbi, Ovambo (Ambô), Vahelelo, Vaxindonga, etc., são irrelevantes por tratarem-se de designações resultantes de caracterização das localizações, ocupações, diferenciadas que serviram para identificar o outro a partir do olhar externo, geralmente ocidental.



Síntese da trajectória cronológica

Dizer que Angola é conhecida enquanto país e os seus habitantes são identificados como angolanos parafraseando A. J. Gomes (2013:64), "há 500 anos não é o mais correcto mas, a sua evolução tem a ver com os processos que contribuíram no projecto da construção" da angolanidade partindo de uma perspectiva histórica de nação com 533 anos (1482-2015). Percebe-se das descrições em páginas antecedentes que resultou de um conjunto de dinâmicas euro-africanas caracterizadas por contactos sistemáticos do mercado e trocas de valores civilizacionais através da penetração, ocupação, colonização, descolonização, (re)unificação, segundo o autor em epigrafe (cfr., op. cit. p.64) mas, paradoxalmente, numa constante luta à sua própria custa.

No total foram 93 anos (1575-1482) de aparentes contactos mercadológicos e civilizacionais entre portugueses e bakhongo com perdas, adopções e ganhos recíprocos, da violência à paz. Os 42 anos (1617-1575) seguintes o mercado foi suportado por hostilidades declaradas entre portugueses e as autoridades do Ngola envolvendo os Helelo, particularmente as comunidades vandombe (1617) que, por características da realidade socio-económica que lhes eram peculiares, não resistiram à demanda ocidental. E mais, a regra do jogo ditada pelo mercado europeu que consistia no escravo traficado levou os implicados ao ambiente de violências constantes durante 374 anos (1856-1482).

Os portugueses precisaram, mais ou menos, entre 304 anos (1879-1575) a 262 anos (1879-1617) de penetração litorânea para se considerar Angola estendida ao interior. Mas, foram necessários 309 anos (1926-1617) para que a topografia formalizasse o actual mapa de Angola com povos dignos de se identificarem como angolanos então colonizados da coroa lusitana, ao que oficialmente chamou-se de província ultramarina de Angola. Neste trecho de tempo (1640-1600), o litoral até aqui sob auspícios de Portugal (Luanda, Benguela e Namibe), ficou assenhoreado pelos Estados Gerais, cujos holandeses deixaram disseminadas as suas marcas civilizacionais em cerca de 40 anos.

Perdido o Brasil em 1822, Portugal tornou sério o projecto de povoamento branco de Angola, sem grandes resultados, durante 120 anos (1974-1854) ao mesmo tempo que passou de simples penetração mercantil esclavagista à luta pela ocupação colonial, cujas hostilidades que caracterizaram tais estratégias passaram a chamar-se de guerras de pacificação pelo que duraram 42 anos (1926-1884).

Vencidos os angolanos que ficaram devido a hegemonia militar ocidental, traduzida em avanços tecnológicos, no caso do uso da pólvora, foi implementado um tipo de administração directa em regimento colonial durante 55 anos (1975-1920). Em 45 anos (1945-1900) deste regimento emergiram novas classes sociais características do tipo do colonialismo; os reinóis e assimilados, frutos da educação formal oficializada e serviram de trampolim à conscientização (cfr. FREIRE, 2001) nacional até que do movimento intelectual nasceram associações político-nacionalistas anti-coloniais pela descolonização de Angola que em 14 anos (1975-1961) hostilizaram, humilharam e venceram o colonialismo português.

Ainda sim, não era desta vez que se podia falar do projecto-nação angolana, mas, a nova era da existência de Angola enquanto país com angolanos na razão de povos até que, em 1977, ficou implementado o projecto de nação que marcou os 40 (38!...) anos da independência de Angola distribuídos entre 27 de guerra civil (2002-1975) dos quais dois (1975-1976), sem referências de realce histórica e 13 anos de paz (2015-2002) militar, portanto, sem escaramuças.

No geral, o período antes dos contactos entre as civilizações cristãs e os bakhongo, embora quase desconhecido, o desenvolvimento sócio-político descrito em narrativas europeias resume-o com indicadores de calmia, harmonia e paz. Período similar corresponde com os 64 anos (1920-1856) do apogeu do mercado sertanejo (Luanda/Kasanji, Catumbela/Ekovongo), em que as fronteiras étnicas e rácicas eram insignificantes, mas é nos últimos 13 anos (2015-2002) que o sentimento de pertença começa a ser uno; somos um país (consciência de território), um povo (consciência de comunhão de tradições e cultura), uma nação (consciência nacional), no total de 533 anos (2015-1482) de contactos com valores exógenos, ao que agora (séc. XXI) chamam de globalização, muitos entre eles de pendor violento.

CONCLUSÕES

O presente texto faz-nos perceber que a trajectória histórica da (des)construção da nação angolana, face aos 40 anos da independência, circunda em torno de um conjunto de dinâmicas que classificam o espaço por que ocorreram como mercado encruzilhando culturas pois, o poder político tradicional, mesmo antes da colonização efectiva, justificava-se a partir da linha uterina e as rupturas nos sistemas de parentesco multifuncional fomentavam a emersão, a consolidação e desagregação de estados endógenos. Assim, torna-se compreensível que entidades de uma realidade sociocultural encontravam guarida noutras consolidando-se, formando novas ou fazendo desaparecer as encontradas. Esta relação é implícita ao espírito da pessoa humana da fala Bantu que a dada altura achou-se vítima da estratificação em resposta às estratégias do mercado internacional imposto pelo progresso ocidental.

Eis os pilares da triangulação da nacionalização da nação angolana baseados nos pressupostos acima enumerados:

O primeiro pilar consiste na emergência de instituições socio-políticas dos séc. XVII a XIX com desta às Imbangala, Ovimbundu e Cokwe. O processo em si justifica a difusão proto-



Bantu do foco do Shabá ao território que corresponde com a República de Angola pois a realidade geográfica destes séculos caracteriza os estados Lunda, Luba, Kuba. Os Imbangala, Ovimbundu e Cokwe, particularmente, sintetizaram os valores endógenos do processo de reassentamento das civilizações fluviais do médio e alto Kwanza assim como das nascentes do Keve e Kunene.

O segundo pilar está relacionado com o esforço desencadeado pela Coroa portuguesa na tentativa de legitimar a sua hegemonia política em África, com base em projectos de aparentemente fracassados de povoamento. Para tal, foram envolvidas famílias ocidentais e africanas. Do séc. XVII ao XX, vieram degredados, comercializaram-se escravos, mobilizaram-se famílias livres, desterrados africanos, contratados.

O terceiro pilar consiste na implementação de estratégias do I Congresso do MPLA de 1977, através de encaminhamentos de alunos, adolescentes e jovens mas, também as forças armadas distribuídas em função de áreas socioculturais. A dispersão de refugiados de guerras, sobretudo, de 1975 a 2002, impulsionou sobremaneira a consolidação este pilar.

As desavenças socio-políticas resultantes das dinâmicas do mercado internacional de que nós angolanos fomos alvos em 520 anos (2002-1482), obedeceram às visões díspares e estratégicas da antropologia cultural ocidental que via nos africanos, no caso de Angola, distintas realidades ignorando, em seu próprio benefício, que eram de uma única entidade, ntu.

Independentemente da projecção mercantil com mais de 500 anos, envolvendo inúmeras realidades socioculturais, etno-linguísticas e raciais das mais distintas origens, a nação angolana emerge de um processo longo de (des)construção de entidades socio-políticas de um tronco comum com base no mercado inserido numa encruzilhada de valores. É claro, que o mérito da independência nacional que, para se tornar realidade, nos embatemos, razão porque a nação angolana resulta de sangue jorrado em 427 anos (2002-1575, reside no início da construção da nação, de que todos nos sentimos parte, impondo perante o mundo a nossa dignidade pois a reconciliação é em si o nosso ser, ntu.

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

ALEXANDRE Valentim

(2000), "O império colonial no século XX", Velho Brasil novas Áfricas, Edições Afrontamento, Porto.

(1998), "Configurações políticas", In Francisco Bethencourt e Kiri Chaudhuri (dir.), História da Expansão Portuguesa, vol. IV, Do Brasil para África (1808-1930), Lisboa.

(1979), "Origens do Colonialismo Português Moderno", Sá da Costa. Lisboa.

BIRMIGHAN David

(1974), "A Conquista portuguesa de Angola, A regra do jogo, Porto.

(1965), "The Date and Significance of the Imbangala Invasion of Angola", In The Journal of African History, Vol. 6, nº. 2, pp. 143-152.

CADORNEGA António de Oliveira de

(1972), "História geral das guerras angolanas – 1680", Agência-geral do Ultramar, 3 vols., reprodução fac-similada da ed. de 1940, Lisboa.

CARDOSO Carlos Lopes António

(1964), "A origem dos Mbali do distrito de Moçâmedes", Ultramar, volume IV, n º 16, Lisboa.

CARVALHO Henrique Dias de

(1898), (1843-1909), "O jagado de Cassange na Província de Angola", Lisboa, Typ. De Cristóvão Augusto Rodrigues Online: www.archive.org

CARVALHO Rui Duarte

(1997), "Aviso à Navegação", Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD), Luanda.

CASTELO Cláudia

(2007), "Passagens para África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974) ", Edições Afrontamento, Porto.

CASTRO Norberto

(1996), "Ano de Kasanji", Luanda.

CHILDS Gladwyn Murray

(1949), "Kinship and Character of the Ovimbundu", – being a description (…), Dawsonof PallMall, Londres.

COELHO J. Gonçalves (Lic. em C.S. e P.U.)

(1966), "Uma política de reordenamento das populações de Angola com base na expansão dos Ovimbundu", (material de arquivo), Texto inédito, Luanda.

COELHO Virgílio

(2010), "«Em busca de kábàsà!....» Estudos e reflexões sobre o «Reino» do Ndòngò. Contribuição para a História de Angola", Kilombelombe, Colecção «ciências Humanas e Sociais, Serie História de Angola – nº 5, Luanda.

CRUZ Elizabeth Ceita Vera

(2006), "O Estatuto do Indigenato, Angola", Chá de Caxinde.

DAVIDSON Basil

(1981), "Os Africanos. Uma Introdução à sua História Cultural", Edições 70, Lisboa.

DELGADO Ralph

(1944), "Ao sul do Kwanza. Ocupação e aproveitamento do antigo reino de Benguela", I e II vol, Imprensa Beleza, Lisboa.

(1955), "História de Angola (terceiro período de 1648-1836) ", 4 volumes, Editora, Livraria Magalhães, Lobito.

(1945), "O Reino de Benguela, Do descobrimento à criação do governo subalterno", Imp. Beleza, Lisboa.

(1940), "A famosa e Histórica Benguela. Catálogo dos governadores (1779 a 1940) ", Cosmos, Lisboa.

DIAS Gastão de Sousa

(MCMLXXI), " Pioneiros de Angola, Explorações Portuguesas no sul de Angola (séc. XVII e XVII) ", Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

DIAS Jorge

(1961), "Ensaios Etnológicos", estudos de Ciências Políticas e sociais, J.I.U. C.E.P.S., Lisboa.

DUARTE B.

(1975), "Literatura Tradicional Angolana", Editora Didáctica de Angola, SARL, Benguela.

ERVEDOSA Carlos

(1980), "Arqueologia Angolana", Ministério da educação, República Popular de Angola.

ESTERMANN Carlos

(1961), "Etnografia do Sudoeste de Angola", nº 30, memórias de J.I.U., Lisboa.

FREIRE P.

(2001), "Conscientização: Teoria e prática da libertação - Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire". São Paulo: Centauro Editora.

GOMES Armindo Jaime

(2007), "As civilizações lacustres das margens do Kupololo", Prefácio de Maria Alice dos Santos Cabral, Benguela, KAT — Empreendimentos & Consultoria [«Estudos»; 2].

(1995), "O Povoamento Mbali", Trabalho efectuado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED), Huíla.

(2013), Literatura e Lusofonia, Anais do II Encontro de escritores de Língua Portuguesa, UCCLA, Natal, pp. 63-81.

GONZAGA Norberto

(S/d), "História de Angola", C.I.T.

HEIMER Franz-Wilhelm

(s/d), "O processo de descolonização em Angola (1974 – 1976) ", C.E.D.E.P., Instituto Superior de Economia, Lisboa.

HEINTZE Beatrix

(2007), "The Extraordinary Journey of the Jaga through the Centuries", Critical Approaches to Precolonial Angolan Historical Sources, in History in Africa, Vol. 34, pp. 67-101.

(2004), «Pioneiros Africanos. Caravanas de carregadores na África Centro-ocidental (entre 1850 e 1890) ", Editora Nzila, Colecção Ensaio – 23, Luanda.

HENDERSON Lawrence W

(1990) "A Igreja em Angola – Um rio com várias correntes", Editorial Além Mar.

LARA L.

(1998, 2006 & 2008), "Um Amplo Movimento"… I, II e III Volumes Lito-Tipo, Luanda;

LEMOS Alberto de

(1929), "História de Angola", Imprensa Nacional, Luanda.

LIMA Mesquitela

(1964). "A Etnografia Angolana, Considerações acerca da sua problemática actual", 703, Imprensa Nacional de Angola, Luanda.

MALUMBU M.

(2005), "Os Ovimbundu de Angola: Tradição – economia e cultura organizativa", Edizioni Vivere In. Roma.

MEDEIROS Carlos Laranjo

(1981), History, Kinship and systems of production of an Herero people of South West Angola, JICU, Lisboa.

MILHEIRO Mário

(1972), "Índice Histórico-Corográfico de Angola", I.I.C.A, Luanda.

MILLER Joseph C.

(1995), "Poder Político e Parentesco. Os antigos estados Mbundu em Angola". Arquivo Histórico Nacional, Luanda.

(1973), "Requiem for the «Jag»", in Cahier d'études africaines, Vol. 13, Nº 49, pp. 121-149, Online: http://www.persee.fr.

(1972), "The Imbangala and the Chronology of Early Central African History", The Journal of African History, Vol. 13, nº. 4, pp. 549-574.

NASCIMENTO J. Pereira do

(1912), "A Colonização de Angola", Typographia Mendonça, Lisboa.4NASCIMENTO J. Pereira do

(1910), "Relatório da Missão de Estudos da Colonização do Planalto de Benguela 1907-1909, Loanda.

NETO Maria da Conceição

(1994), "Alguns dados recolhidos em diversas bibliografias a propósito da região do 4, dos Quimbares", Comunicação inédita.

(s/d.[a]), "As Fronteiras por dentro da Nação…", (numa perspectiva Histórica), Comunicação inédita.

Artigo intitulado «Viagem ao Princípio do Mundo com os Khoisan de Angola», Revista Austral n.º 19 – TAAG.

NIANE Djibril Tamsir (Coord.)

(2010), "História geral da África, IV: África do século XII ao XVI", – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO.

NGULAA.

(2003), "A escolarização em África. Das grandes ilusões à pedagogia do projecto", Edizioni Vivere In, Roma.

PARREIRA Adriano

(1998). "A máquina de dúvidas": o conceito de negro na literatura de viagens sobre Angola: séculos XV-XVII", Instituto Nacional do Livro e do Disco, Estudos e documentos, Ensaio (24), Luanda.

PELISSIER René

(1997), "História das Campanhas de Angola. Resistência e Revoltas 1845 – 1941". Histórias de Portugal. Editorial Estampa.

PINTO Paulo Jorge de Sousa

(1999/2000), "Em torno de um problema de identidade: os «Jaga» na História do Congo e de Angola", In Mare Liberum, n. º 18/19, pp. 193-243.

REDINHA José
(1975), "Etnias e Culturas de Angola", Instituto de Investigação Científica de Angola, Banco de Angola, Luanda.
ROCHA E.
(2002), "Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano", I e II Volumes, Editora Kilombelombe, Lda., Luanda.
SANTOS Eduardo dos
(1969), "Religiões de Angola", J.I.U., Lisboa.
(1969[a]), "A Questão da Lunda (1885 - 1894)", Agência Geral do Ultramar, Lisboa.
SANJUKILA Elias
(1997), "Reino do Bailundo, Sua História na Resistência Tenaz Contra o Colonialismo Português", Ed. Autor, Huambo.
SILVA R. Cruz
(1994),"O impacto da borracha de "segunda" no nó comercial – Catumbela, Benguela – 1890/1910. Revista do Arquivo Histórico Nacional. Fontes & Estudos. Nº 1, Novembro, Luanda.
SÁ Vasco de,
(1996), "A Lunda, os Diamantes e a Endiama", Edição da Endiama, Luanda.
S/A
(1974), "Distrito de Moçâmedes", Câmara Municipal de Moçâmedes, 125º aniversário, 2 volumes, Gráfica Imperial, Lda., Lisboa.
TEIXEIRA Rui de Azevedo
(2010), "A guerra de Angola, 1961 / 1974", Academia Portuguesa da História, Lisboa.
TORRES M. J. de Mendonça
(1950), "Distrito de Moçâmedes, das fases origens e da primeira organização, 1485-1859", I e II vol Câmara Municipal de Moçâmedes.
V/A
(1999),"Exposição, Evolução das Fronteiras de Angola", Arquivo Histórico de Angola, Luanda.
V/A
(1963). "História de Angola", Afrontamento, MPLA, Argel.
V/A
(2002), "O Mundo Cultural dos Ngagueelas", Tomo, Secretariado de Pastoral Diocese de Menongue.
VANSINA Jan
(2007), "On Ravenstein's edition of Battell's adventures in Angola and Loango", In History in Africa, nº 34, pp. 321-347.
(1966), "More on the Invasion of Kongo and Angola by the Jaga and the Lunda". In- The Journal of African History, Vol. 7, nº 3, pp. 421-429.
(1963), "Foundation of the Kingdom of Kasanje", the Journal of African History, vol. 4, nº 3, pp. 255 - 374
YAMBO Francisco Xavier
(1997), "Dossier Ngangela, Motivo Suficiente para um estudo Científico da Etnonímia Angolana", INALD, Luanda.

1. Docente da Academia Militar do Exército de Angola, Lobito

2. Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola



PEDRO RAMALHOSO

Jornalista, Homem do cinema e Amigo

FRANCISCO P. KETH |

Os feitos Pedro Alfredo Ramalhoso, dos últimos sete anos, remetem-nos à memória da cinematografia nacional quer do período áureo do Cinema Angolano, ou seja, dos primórdios forjados por profissionais da primeira geração, quer do actual momento levado a cabo pela nova geração que sempre encontrou amparo da sua parte, encorajando-os e aceitando os diversos desafios apresentados pelos jovens.

Independentemente da sua condição de Director-geral do Instituto Angolano de Cinema, Audiovisual e Multimédia (IACAM), Pedro A. Ramalhoso esteve sempre na linha da frente quando se tratasse de "acção" para avançar com o cinema. A título de exemplo, foi a sua prontidão e apoio, quando em 2014 um grupo de profissionais e amantes de cinema e audiovisual decidiu sentar para criar a Associação Angolana dos Profissionais de Cinema e Audiovisual (APROCIMA). A presença nos encontros e o incentivo de Pedro Ramalhoso também serviu de impulso para a criação da associação.

Desde então, nunca, em nenhum momento recusou dar quaisquer apoios: financeiro, moral e material. A nossa recente participação na 9ª Edição da Feira Internacional do Livro e do Disco, organizada pela Arte Viva; e a nossa primeira acção de Formação (Cursos Intensivos de Cinema), só foram possíveis graças ao apoio incondicional e imediato de Pedro A. Ramalhoso, não só actuando como Director-geral, tão pouco pela amizade, mas era real a sua intenção e desejo de ver crescer o cinema angolano, também com a nova geração.

Vários projectos idealizámos juntos e, ficaremos com a incumbência de os concretizar para honrar o seu nome e desenvolver a sétima arte nacional. Adjectivos jamais irão substituir o "Bom" e a "Alegria" que nos proporcionou enquanto Jornalista, Homem do cinema e Amigo.

À família enlutada, aos Ministérios da Comunicação Social e da Cultura, assim como ao colectivo de trabalhadores do IACAM, a APROCIMA endereça sentimentos de pesar, extensivo ainda a toda Malta do Cinema Angolano.

Secretário-geral da Associação Angolana dos Profissionais de Cinema e Audiovisual, em Luanda, aos 4 de Novembro de 2015.

O jornalista Pedro Ramalhoso faleceu dia 3 de Novembro, por doença, no hospital de Oncologia, em Luanda. Foi quadro sénior da Televisão Pública de Angola (TPA) e um dos seus fundadores, donde deu início a actividade jornalística em 1975.

Integrou a primeira equipa de jornalistas que se deslocou ao Sara Ocidental, numa acção de solidariedade e para retratar a luta do povo saraoui contra a ocupação, que resultou o filme "Sara, a coragem vem do vento".

Na TPA desempenhou a função de Director de Comunicação e Marketing, depois de ter passado pelas Direcções de Informação e de Programas.

Téu, como era chamado pelos mais próximos aceitou assumir a direcção do IACAM, vindo a ingressar nos seus quadros em 2009, com zelo, inteligência e aplicação.

Nas funções de Director do IACAM, Pedro Ramalho, foi um dos impulsionadores do Festival Internacional de Cinema de Luanda (FIC) e muito contribuiu para a revitalização da produção cinematográfica.

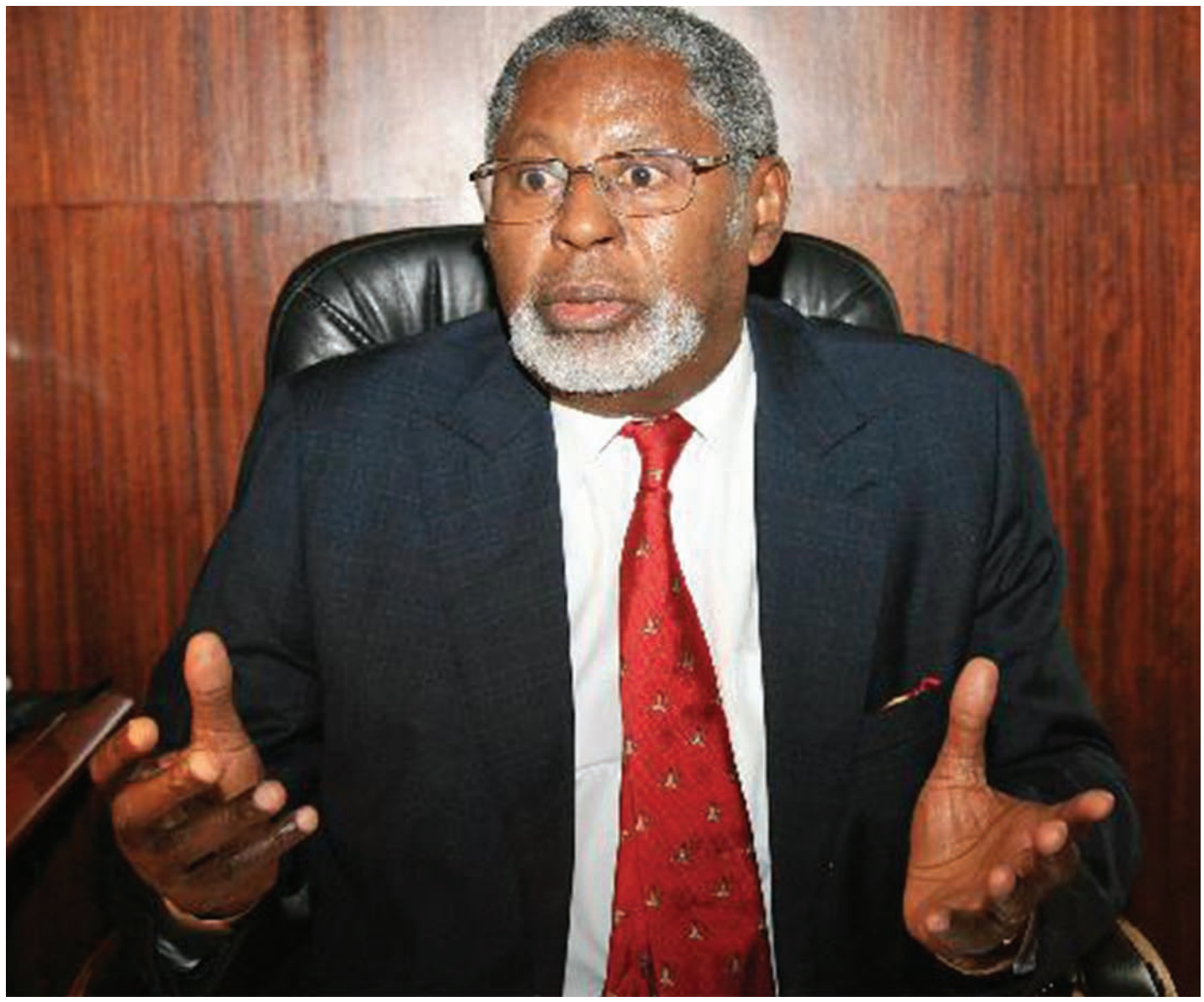
Participou activamente no processo da co-produção do filme "Deuses D'água" e em vários documentários nacionais.

RUI MINGAS

"Quando leio uma poesia bonita... ... procuro completá-la com uma melodia"

ANTÓNIO QUINO

Rui Mingas é um daqueles homens difíceis de caracterizar numa linha recta, de tão diversificada que são as suas áreas de intervenção: política, desporto, cultura, academia, compositor, interprete, filantropo, etc. É daquelas figuras que transpiram um incompreensível simbolismo que dificulta a vida de qualquer entrevistador. Sem darmos por isso, colocamo-lo num pedestal. De seu nome completo Rui Alberto Vieira Dias Rodrigues Mingas, nasceu em 1939 e pertence a uma família de influentes músicos angolanos, como o seu tio Liceu Vieira Dias, o irmão André Mingas, o primo Carlitos Vieira Dias. Não há, em Angola, um outro autor que tenha musicado e interpretado tantos poemas de diversos autores. É este homem que me permitiu realizar um velho sonho: entrevistá-lo. Confesso que no centro da entrevista esteve sempre Agostinho Neto, devido a um velho projecto de investigação que carrego e, para isso, intermediou o contacto a sua irmã Amélia Mingas, minha orientadora na licenciatura. E a conversa aconteceu mesmo no Seu gabinete, na Universidade Lusíada de Angola, no longínquo dia 07 de Novembro de 2013.



Rui Mingas

Como e quando foi o primeiro contacto com Agostinho Neto?

RUI Mingas: Conheci Agostinho Neto, primeiro, de estórias. Pelo meu pai. Não o Agostinho Neto poeta, mas como parte de um grupo de jovens estudantes que foi a Portugal que, para a geração dos nossos pais, representavam a grande esperança das famílias africanas por uma luta de valorização dos funcionários que eram secundarizados pela estratificação do regime colonial português. Para os meus pais, e outros pais, sempre que alguém partisse de Angola para ir fazer a continuação dos estudos em Portugal, era uma esperança; era uma felicidade. Os pais eram capazes de fazer um almoço de despedida para desejar boa sorte aos seus irmãos que iriam estudar em Portugal.

Pelos vistos, Agostinho Neto tinha destaque já na época...

RUI MINGAS: Agostinho Neto era, para mim, uma referência histórica, pois ouvia o pai e os amigos a falarem dele com respeito e admiração. E a medida que fui ganhando consciência das coisas, fui tendo contacto com as histórias de Agostinho Neto preso. Ora, quando eu vou para Portugal, Agostinho Neto ainda estava por lá. Tive a oportunidade de conhecer Agostinho Neto na Casa dos Estudantes do Império, que era o ponto de encontro de todos nós para interagirmos com os representantes vindos de outras ex-colónias portuguesas. Aí estavam Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Paulo Jorge, Iko Carreira, Gentil Viana, etc. Toda essa gente se encontrava na CEI. E quando eu chego, Agostinho Neto era já uma referência política e tido por nós como o líder dos angolanos. Não obstante que, naquela altura, não se diferenciava muito, porque todas as figuras de destaque político na CEI eram nossos chefes. Mas com Agostinho Neto havia uma maior proximidade pelo facto de termos vindo duma região comum. Portanto, foi assim que conheci Agostinho Neto.

E quando acontece o primeiro encontro com Agostinho Neto? Foi na CEI?

Rui Mingas: Não foi na CEI. Encontrei-me muitas vezes com Agostinho Neto em casa de um marítimo, o velho Tati, que morava na Praça da Figueira, em Lisboa. E era na casa do velho Tati que Agostinho Neto fazia as reuniões com muitos marítimos. Foi lá onde o encontrei pela primeira vez.

Quem eram os marítimos?

Rui Mingas: Os marítimos eram os agentes portadores das grandes mensagens. A autoridade política portuguesa dificilmente se preocupava com os marítimos. Eles diziam: "Marítimos são trabalhadores de base, não são intelectuais". Então, eles eram uma grande força. E Agostinho Neto conseguiu criar um grande ambiente de mobilização junto desses marítimos. Eu recordo-me que era na cozinha da casa do velho Tati onde eu conversava às vezes com Agostinho Neto, enquanto na sala decorriam sessões de música na presença de marítimos que viajavam para a América Latina e traziam merengue, salsa e tal. Agostinho Neto vinha darme uma série de conselhos na cozinha. Foi uma ligação curta, porque depois ele veio pra Angola de onde foi desterrado depois para Cabo Verde.

Essa ligação curta com Agostinho Neto terá deixado marcas no seu sentido artístico e revolucionário?

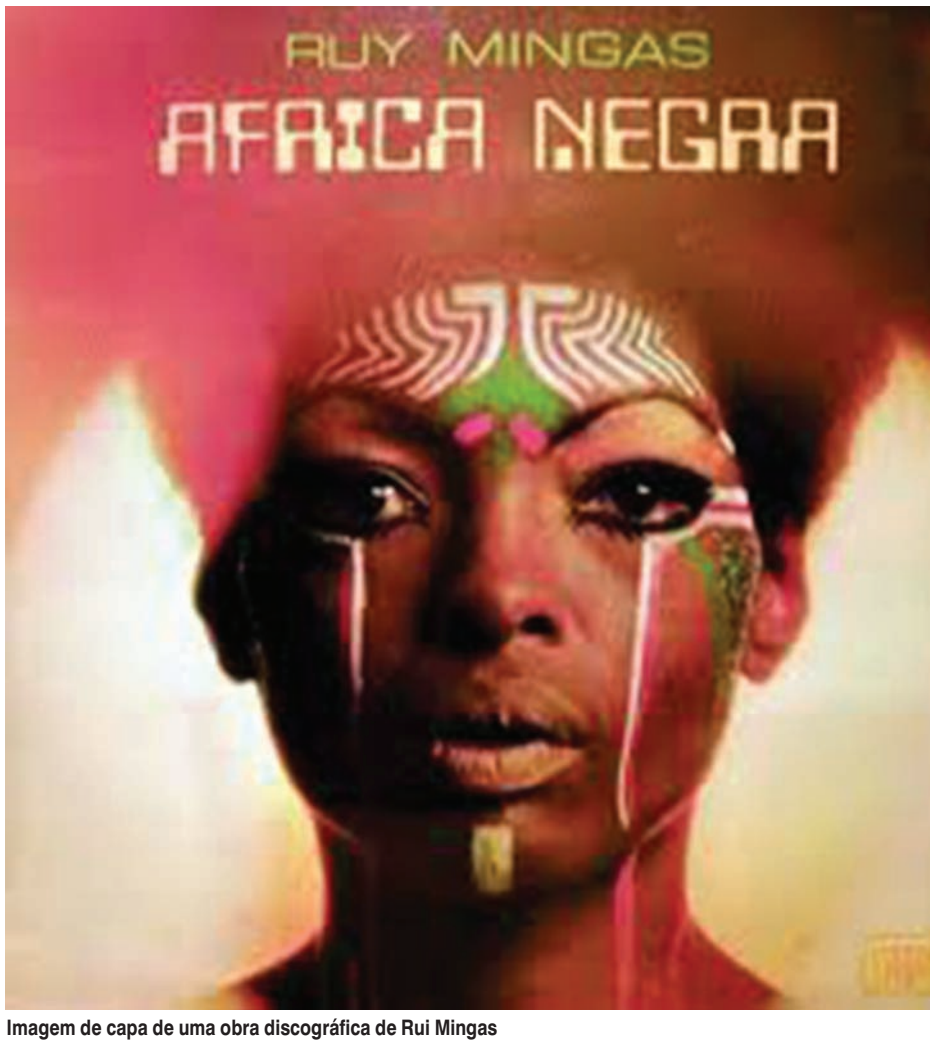


Imagem de capa de uma obra discográfica de Rui Mingas

Rui Mingas: Esse curto tempo com Agostinho Neto foi muito tocante pela sua personalidade e pela natureza da sua mensagem poética. Agostinho Neto era um poeta universalista, duma dimensão poética muito grande.

E essa mensagem poética chegava a população iletrada?

Rui Mingas: Pelo texto escrito, a população analfabeta não tinha acesso. Mas essa mensagem poética, acompanhada pela melodia, era já tangível a toda gente.

E nessa altura Rui Mingas já gostava de poesia?

Rui Mingas: Eu, quando miúdo, tinha o hábito de ler muita poesia. E isso é que faz com que naquele período, antes da independência, tenha musicado parte considerável da poesia de intervenção política escrita na altura, e até alguma poesia simbólica como "Morro da Maianga", de Mário António de Oliveira. Ora, isso faz com que eu, ao ler Agostinho Neto, encontre nas publicações da CEI a poesia de Solano Trindade. Repare que eu na altura tinha o meu pai preso, tinha o meu tio Liceu preso, o meu tio Pedro Benge, o primo Beto Van-Dúnem, todos presos em Cabo Verde. Imagine para mim, com o cuidado e sensibilidade de ler muita poesia, muito jovem ainda e com tantos familiares presos, o que significava ler aquela poesia interventiva de Agostinho Neto.

Falou de Solano Trindade...

Rui Mingas: Sim, falei dele. Eu encontro o "Quem tá gemendo" de Solano Trindade nessa altura de grande sensibilidade. Não li, nem publicávamos muita poesia brasileira, mas o Solano Trindade, pela natureza da sua poesia, me contagiou e me fez colocar a melodia ali onde a mensagem poética só era tangível ao intelectual. Acabo depois por conhecer a família de Solano Trindade muito mais tarde. Fui ao Brasil e estive com a filha de Solano Trindade. Estive lá com ela, cantei um bocado com ela. Ela ficou até muito surpreendida, e perguntou: "O sr. é Rui Mingas? Aquele que musicou papai? Eu pensava que fosse velhinho como ele!" (risos)

Compreendia-se a inquietação dela porque a música tem tantos anos, que ela pensava que tinha sido feita por um contemporâneo do pai dela.

Onde leu os poemas de Solano Trindade?

Rui Mingas: Numa publicação da CEI, penso [Caderno Poesia Negra de Expressão Portuguesa (1953), organizado por Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade]. Já não lembro a designação, mas a CEI tinha uma publicação de poesia de vários autores das ex-colónias: de Angola, São Tomé, Moçambique, Guiné e aí também apareceu o Solano Trindade enquanto poeta negro. Tínhamos uma secção literária que tinha o Ndunduma (Costa Andrade) entre os seus mentores. E havia publicações sobre literatura africana, com Carlos Ervedosa, Noémia do Espírito Santo. Posso estar a cometer alguma imprecisão com datas e nomes. Aliás, isso foi há mais de 50 anos e estou a recorrer ao registo da minha memória!

Que imagem conserva dessas duas figuras, nomeadamente Agostinho Neto e Solano Trindade?

Rui Mingas: Essas duas figuras, evidentemente não pondo de parte António Jacinto, Mário Pinto de Andrade ou ainda Viriato da Cruz, mas esses dois eram de facto uma grande referência para mim, pois tocaram muito a minha sensibilidade. Não tive a felicidade de conhecer em vida Solano Trindade, mas creio que ajudei a imortalizar um dos seus temas mais conhecidos.

Quando é que realmente teve contacto com esse poema de Solano Trindade? Nos anos 60?

Rui Mingas: Não, antes. Outras composições minhas surgiram nessa época de 60 e 61. O que acontece é que musiquei muita coisa, mas pela natureza interventiva desses temas, engavetava tudo. Eu cantava só em locais privados com outros camaradas de Angola, da Guiné, de Moçambique. Eu cantava e mandava algumas versões ao meu irmão Saidy, que estava em Estocolmo pelo MPLA que, por sua vez, mandava para os camaradas que estavam na guerrilha. Mas tudo muito escondido. Eu só vim a gravar depois de 25 de Abril de 1974.

Já falou da sensibilidade e da relação entre o conteúdo dos poemas e a liberdade. Haverá outra razão para musicar os poemas como o fez?

Rui Mingas: A forma que eu encontrei para redistribuir as mensagens poéticas e fazê-la chegar ao povo foi musicar. A melodia é uma coisa muito tocante. Quando nos prendemos a melodia, recebemos a mensagem.

Isso foi previamente concertado com alguém? O musicar esses poemas foi sob alguma orientação política?

Rui Mingas: Não. Por acaso, o primeiro poema que musiquei foi "Muimbu Ua Sabalu", de Mário Pinto de Andrade. Eu tinha 18 anos quando musiquei este poema e interpretei num convívio na CEI. Na altura havia sessões culturais, jograis, leitura de poemas, declamações. E eu, discretamente, num canto, musiquei e muito timidamente fui lá e disse que tinha musicado um poema. Não me esqueço porque estavam os mais velhos, Agostinho Neto e Amílcar Cabral, sentados. Estavam mesmo à frente. Então cantei e os dois levantaram-se e vieram abraçar-me e aquilo ficou como que um hino: a Ana Wilson cantava em grandes convívios, inclusive na Rússia. A partir daí comecei a ler mais a poesia. Mas tudo por iniciativa minha. E fui musicando os textos de Mário Pinto de Andrade, Mário António de Oliveira, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto. Mas era, acima de tudo, um momento em que cada um de nós, sofredores das então colónias, consciente ou inconscientemente, dava a sua contribuição naquela luta comum. Entretanto, quando me apercebi que poderia musicar, fui seleccionando os textos mais interventivos. Tudo musicado por iniciativa minha.

Particularizou o poema Morro da Maianga e falou dele como sendo mais simbólico. Porquê?

Rui Mingas: Porque me recordava a minha infância, a minha juventude em Luanda, a Maianga de miúdas engraçadas e giras, ali onde hoje é o Prenda, é o Morro da Maianga de Mário António.

E outras, como Monangambé?

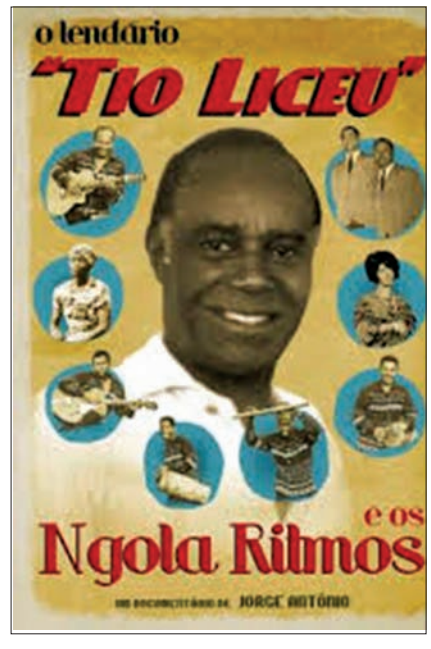
Rui Mingas: Monangambé musiquei na Guiné Bissau. Estava em serviço militar. Fui lá destacado sob prisão. Passei por Cabo Verde e o meu pai estava preso no Tarrafal.

No disco Temas Angolanos, de 1974, o Makesu aparece como poema de Mário António. Mas é de Viriato da Cruz...

Rui Mingas: Isso deve ser erro de edição. Mas nunca tinha reparado nisso. Estás a pôr aqui uma questão ... (Risos)

Parece-me que tem uma apparente facilidade em musicar poemas. Serão os poemas a facilitar o trabalho do compositor ou o contexto e a inspiração a facilitar esta criação de melodia aparentemente pré-destinada para cada um dos poemas?

Rui Mingas: É difícil dizer se sim ou se não. Provavelmente, o contexto político da época poderia estimular. Há um músico alemão já falecido que dizia que uma das coisas que ele admirava em mim era o facto de eu musicar poemas. A poesia já elaborada, meter melodia é a coisa mais difícil que há. Talvez eu tenha nascido com este dom. Mas porque boa parte das temáticas dos poemas musicados tocam a minha sensibilidade, ganho uma inspiração. Quando leio uma poesia bonita, procuro completá-la, a





Manuel Rui

meu modo, com uma melodia. Por exemplo, "Meninos do Huambo", "Minha terra, nossa terra", são poemas bonitos. Não basta que sejam poemas de intervenção no plano político-social. Por exemplo, o poema "Meu amor": meu amor, teus lábios um sabor, teu olhar sem lamento", do meu último disco, musiquei porque achei uma poesia tão bonita. E o curioso, sabe, quando entreguei o disco ao Manuel Rui, ele ouviu atentamente a música e no final disse: "Ó chará, essa música é muito bonita. De quem é o poema?" e, na ocasião, a sorrir, eu disse: "Mas esse poema é teu!". E ele, admirado, perguntou: "Minha poesia? Epá, fui eu quem fez isto? Não me lembrava dela!" (Risos).

No momento da luta, prendia-me mais a mensagem político-social. Hoje, continuo a ser tocado pela sensibilidade e a olhar mais para o simbolismo; as letras mais simbólicas.

Sinto às vezes que parece magicamente fácil a forma como musica os poemas. Me parece que quando o poeta estava a escrever, Rui Mingas estava a seu lado a compor, acertando a métrica, o ritmo próprio ...

RUI Mingas: Não sei se é mesmo assim; se há algo mágico pelo meio. Não diria que seja fácil, mas quando me toca, a mim sai a melodia. Mas olha que muitos não conseguem musicar um único poema. Isso deve querer dizer algo.

Tanto Agostinho Neto quanto Solano Trindade, cujos poemas Rui Mingas musicou, penso que levam à poesia alguma mensagem combativa. Parece haver alguma comunhão entre os dois. Concorda comigo?

Rui Mingas: Absolutamente. Em Solano Trindade, lá longe no Brasil, e em Agostinho Neto, em Angola ou Portugal, há uma coincidência incrível nas mensagens poéticas. Ambos faziam da poesia um instrumento de luta na valorização do negro. A essência era a mesma: mensageiros duma realidade sofrida de um povo com objectivos comuns. A liberdade.

O contacto que manteve com a família de Solano Trindade no Brasil foi combinada ou uma mera casualidade?

Rui Mingas: Aconteceu quando fui ao Brasil visitar o meu irmão André, que estava hospitalizado. Depois entendi ir a procura da família de Solano Trindade. Comecei pelo cine teatro Solano Trindade, em São Paulo, e de lá para a família não foi difícil.

Quer dizer-nos quem o contactou para musicar a letra do Hino do nosso país, o Angola avante, em vésperas da proclamação da independência nacional?

Rui Mingas: Fui apanhado de surpresa quando voltei pra Angola, cerca de duas semanas antes da proclamação da independência. Portanto, estava em casa na véspera da nossa independência e penso que havia algum problema em relação ao hino, pois não existia nenhuma proposta apresentada ou aprovada. Eu estava com o meu irmão Saidy e chegou um enviado do então ministro da Comunicação, que era o Manuel Rui Monteiro. Ele chega e diz: "o senhor ministro indica o camarada Rui Mingas para ir até a casa dele". A casa ficava aqui no Sanemento [cidade Alta]. Fui e quando lá cheguei o Manuel Rui disse-me: "Epá, tenho aqui uma proposta do Bureau Político do MPLA para eu e tu fazermos o Hino Nacional".

Como se sentiu diante de tamanha honra?

Rui Mingas: Claro que era uma proposta que me orgulhava muito, mas também fiquei preocupado pelo grau de responsabilidade em fazer o Hino de um País.

E a seguir, como foi que as coisas aconteceram?

Rui Mingas: Estávamos em casa do Manuel Rui Monteiro e numa sala contígua estava o Onambwe, o Ndunduma e o meu irmão [Saidy Mingas]; penso que o Onambwe liderando o grupo, eles a fazerem a bandeira. O Onambwe tinha uma habilidade tremenda para o desenho. Nos tempos de estudante, desenhava maravilhosamente.

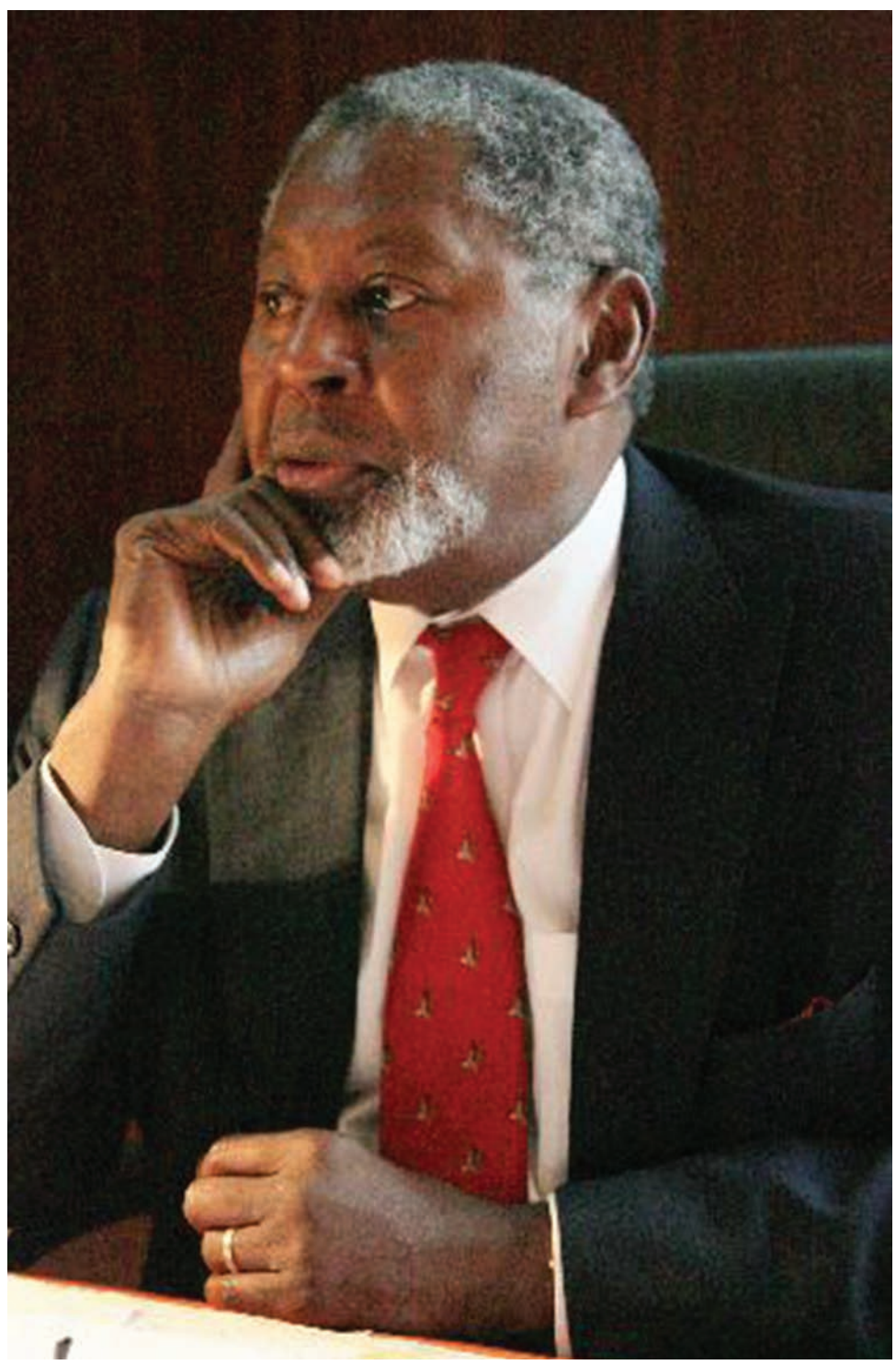
Portanto, na sala onde me encontrava já lá estavam outras pessoas que eles tinham chamado para prestar algum apoio. Um deles é o Carlitos Vieira Dias. O outro é o Carlos Lamartine. O Carlitos [Vieira Dias] estava lá para tocar viola. O Lamartine é quem depois levou a cassete áudio com a nossa gravação. O Manuel Rui Monteiro escrevia o trecho, e eu metia a música. Quando completamos aquilo, fizemos um coro. O Manuel Rui Monteiro cantou, eu cantei, o Carlitos cantou e o Lamartine também cantou. Depois de tudo, o Lamartine saiu com a cassete já por volta da meia noite. Lembro-me que fizemos quase 24 horas a compor o Hino. Então, eu com a minha viola...! Lamento não ter o hábito de fazer cópias, porque não retivemos uma única cópia da cassete áudio que continha a primeira versão do Hino Nacional. Perdeu-se por completo aquele documento histórico.

E como se sente hoje, sempre que ouve o hino nacional: como pai, enquanto co-autor, ou como filho, na qualidade de angolano?

Rui Mingas: Sentimento duplo. Sentimento duplo. Sou filho daquele Hino e sou co-autor daquele Hino! Eu e o Manuel Rui. Pais e filhos ao mesmo tempo.

Creio que o Angola avante é um dos melhores que existe, ou não?

Rui Mingas: (Risos) Como filho, também creio que sim. Se nos orgulha, não há como não acreditar que é um dos melhores!



NOMES EM UMBUNDU

DAS CRIANÇAS DO CENTRO EDUCATIVO "A SEMENTE DO FUTURO"

ANDRÉ LUKAMBA
(EM COLABORAÇÃO COM O MAIS VELHO MOISÉS MUNDA)



Crianças

O Fórum sobre Identidade Nacional, realizado no Huambo, aos 23 de Outubro de 2003, fez a propósito dos nomes a seguinte conclusão-recomendação: "seja constituído um Grupo Técnico de Trabalho formado por especialistas angolanos, representantes de várias comunidades sócio-culturais, que se debrucem sobre o estudo das formas de atribuição de nomes nessas mesmas comunidades, para que cada indivíduo veja no nome atribuído um factor ou aspecto da própria identidade. O resultado do estudo levar-se-ia à Assembleia Nacional para aprovação como lei. Trazemos o estudo sobre alguns dos nomes das crianças que frequentam o Centro Educativo "A Semente do Futuro". Achamos que é uma grande riqueza e sobretudo mostra que, na cultura Umbundu de Angola, a legislação sobre os nomes e apelidos podia ser diferente por causa do seu significado cultural e simbólico.

A metodologia usada no trabalho é a seguinte: depois do nome, vem, entre chavetas, o provérbio em que se enquadra a explicação, e no fim a respectiva lição moral. Para alguns nomes vem apenas a explicação.

EYALA [eyala lyambata tchalwa] – A lixeira 'recolhe' e suporta tudo.

HENDA [enda lakulu okakuka, enda l'omãla okateñgela] - O segredo está em que o mais velho conhece o que mete medo – tchikola – e "não toca". Quem tem medo obedece e não pratica o mal!

KALEI – É o nome dado ao responsável das chaves na casa real.

KALUNDUNGU [vokulula kwolondungu hamo vokupepa kwatcho. Vilula, polê p'otchimanda vipwapo] – A pessoa não pode ser 100% boa para todos. É boa para uns; para outros passa por mau. E assim vai construindo a sua família. – "K'umboto k'undjali" – Nalguns males da família, fazer ouvidos de mercador. Os bons e os maus todos são teus familiares.

KAMWENHO [ndilya k'omwenho kandanda kumwe; kupañgela wavisya] – Coma parte da tua riqueza e guarde outra, porque não se sabe o dia de amanhã.

KAPIÑGALA – É o herdeiro de tudo o que é dos mais velhos, desde o feitiço até aos bens. Tal como o sobrinho, filho da irmã, é herdeiro de tudo o que é do tio, assim o filho.

KASSINDA – É o nome dado àquele ou àquela que vem depois dos gémeos ou gémeas.

KATCHISAPA [kakuli lu katyapulamo upindi] – É um ramo ao longo do caminho que batendo a todos pode ser sinal de união. Ele pode identificar todos e cada um. Fulano? – passou; e fulano? – Também passou! Conhece a todos.

KATITO [Katito oko kove. Tchinene tchamãle. Okwandimba kenha (=nãlanãlako), ukwambambi kakusoywilako] – Fique sempre feliz com o que tens, antes que te chamem de invejoso.

KATULO [lyanga otulo, hokalyange ovisokasoka] – Durma antes e pense depois, porque, de contrário, o sono não vem.

KAVINIAMA [ovilongwa havyangeko kavinyama] – Não me acusem do que não fiz. Se estás sem culpa, tranquiliza-te; esteja seguro.

KAYENGENGA [kayengenga walunga okukupuka] – Aquele que sente preguiça de fazer alguma coisa é porque está quase para deixar. Sê flexível, porque o rijo acaba por partir.

LIKILIKI [likiliki wandele la põlo] – Tudo passa depressa, acalma-te; quando mais agitação à volta de alguma coisa, menos duração tem tal coisa! – É o mesmo sentido de: "yisika enene, yalaka okutwika".

LUKAMBA [lukamba l'ohele kakwete] – Não teme nada, pode ir procurar esposa mesmo fora da sua família. São coisas que na tradição africana não se fazem! Mas ele é o soldado do rei que procura e conserva os anseios do chefe quer em tempo de guaerra quer em tempo de paz e não se importa em que condições forem.

MOMA [apa walila omoma hapoko yukumomela] – O mal não vem todo no mesmo dia. O mal que fazemos hoje terá "recompensa" no futuro!

NDANDULA [kwenda ombela owiñgi uvandjako; kwenda ondambi, umosi lika ovandjako. Ndandulako] – Para onde foi a chuva todos olham. Onde foi uma pessoa, só o seu ente querido é que acompanha; para onde foi a senhora (a bela) só o marido acompanha.

NDEMBELE [ndembele kandjila k'otchindele, ondjomba yiwa k'owiñgi] – Tudo é melhor em conjunto; nunca faças nada sòzinho.

NDINGAWA [kasolawa, omo nda uyeveyo kavulala kikolo] – Aquele que faz bem aos outros, quando lhe acontece também alguma coisa todos se admiram [todos se riem dele]. – "Uyeveyo" é peça de sopro do fogo para moldar o ferro. Porém, está sempre amarrado: apesar do bem que faz, permanece amarrado.

NDJAMBA [yakutulika, eteke yukutulula, k'ilu kwalinga otchipãla] – Quando se tem alguém num lugar de chefia, está-se seguro, mas tudo pode acabar de repente! – "Nda okasi pawa pavi pakupayola. Nda otyañgela ndjamba, malanga upitakapo okalumbange] – Se és chefe, respeita os subordinados; nunca se sabe quando tudo pode mudar. Quando se é jovem, é preciso respeitar os mais velhos; é que o velho já foi jovem, mas tu ainda estás para ser velho. A ironia da história poderá um dia castigar-te!

NDJOLELA [kateke weya, uyolela wanda]. A visita fique o mais breve possível, porque de contrário já aborrece, desagrada.

NGEVE [ngeve yusi katala] – Quando o hipopótamo passa o dia estendido na praia, está para morrer! A pessoa que está para morrer, despede-se através de muitos sinais.

NHIMAWA [onhima yiwa kaimoli omõla] – Quem quer não tem! Quem tem esbanja! Quem pode não faz; o pobre é que tem mais filhos.

SAFEKA - É nativo: nunca mudou.

SANDULA – Esbanjador. – "Pessela" – [wapessela kanola – wanhelisa kasandiliya] – Quem perdeu não procura: se te morreu o pai ou a mãe, o irmão ou o filho, onde irás procurá-lo? Não tem substituição!

SIMBU (=TCHOKOSIMBU) [tchosimbu, okwiya tchalinga tchokaliye] – Se alguém te deve, não te zangues com ele; quando vier pagar, ficará tudo novo. – "Kanhangulu waloyela kumosi la kanhongo"– Dois acontecimentos juntos: um bom e outro mau!

SIMWILA [hokandjupe tchange, ñgasi (ale) likalyange] – Uma viúva que cuida dos filhos sòzinha, não lhe peças mais emprestado (sobretudo sem lhe pagar).

SUKWAPANGA (=SUKWAKWET-



Mapa da etnia Umbuundu

CHE) [Sukwakwetche, imbandì vilipende okusakula] – Se Deus não te "chamou", vivo ou morto, fica. Tudo é segundo a Sua vontade. – "Tchakupanga, tchukupa v'evanda" – No meio de tanta gente morre apenas um!

TCHAKUSOLA [tchakusola kwama k'omunga] – Mesmo conhecido, é preciso ser convidado! [Se é verdade que sou o dono (da festa) porquê não sou notificado?]

TCHAMB'OUSA [ame tchamb'ousa: otchivimbi tchitalamela mwele; tchalela tchitalamela enhanga] – Quando alguém morre, esperam-se os parentes para o enterro, mesmo que estejam longe!

TCHAMILE [uti wamile hawo lokuloluka; epata lyalwile halyo lokukunduka] – A árvore de fruta seca com o tempo; eram muitos irmãos, agora ficou apenas um.

THIKOLA [tchikola hokatchikwate] – Uma coisa admirável não deves tocar, faz mal. Uma acção má e perigosa nunca se deve repetir.

TCHIKOMO [tchatchotcho tchikokusumba] – Diz-se do que mete medo!

TCHILOMBO [p'otchilombo tch'olongende, kayolokele osalapo] – "P'otchilombo" é o lugar de hospedagem. O sentido do provérbio: em tudo é preciso dinamismo. É preciso actualizar-se sempre. Siga o que os outros fazem em conjunto desde que seja para o bem.

TCHINGWETA [yanda kayiyelula k'ekondjo; yatehã olwi yasiñga ovava] – Pessoa gorda simboliza o bem-estar!

TCHINOFILA [umba te watchilya] – A causa pela qual se morre tem de ser do nosso inteiro conhecimento e/ou pleno consentimento.

TCHINONHALE [tchinonhale katchukutundi; tchinosole katchukusole] – Muitas vezes acontece que se espera ou se deseja o mal ou a morte de alguém por ser mau e nada lhe acontece; pelo contrário, a quem estimamos é que em tão pouco tempo algo de pior lhe pode acontecer!

TCHIPUMA [tchipuma etemo tchiyunda, tchipopya omanu tchikeya] – O que se capina com a enxada torna a crescer; o que as pessoas dizem há-de acontecer! É preciso tomá-lo a sério!

TCHISINGI [tchisingi kakulihile omõla wombwale; omõla wa soma, osuke ale owasi, vosi valipundukamo] – O tronco (no caminho) não conhece pessoa boa e delicada; não conhece o filho do rei, rico ou pobre; todos tropeçam nele.

TCHITENDE [tchitende opanga etchi tchivi ndañgo watanga omo watopa. Walunguka kapangi etchi tchivi] – Uma pessoa parva – minus habens – faz coisas descabidas, mesmo que tenha estudado; a pessoa dotada não faz coisas sem sentido.

TCHITULA – É alguém que nasceu numa aldeia nova.

TCHITUMBA [tchukwihã so la nhoho, wamale kakutchihã, hati okwete ale] – É delicato ter barriga grande; quem não sabe pensa que já comeu. – "V'omela nda mwasahuluka, lyola; mahako ñgo, walaka okuvisya"! - Se tens apetite, come. Quando te obrigam a comer, então estás quase a morrer... Trata-se de uma pessoa doente!

TCHIVINDA [okutela utale l'uteke, volundila utale] – Ao guarda se responsabiliza tudo o que falta. Tu que andas de noite podes ser responsabilizado de tudo o que acontece no oculto.

TCHIYO [nda wamõla kahañgu, katchiyo hokawinesi; kahañgu nda kepo, katchiyo kove iya okupopela – nda okwela ukayi, hokaling'heti ndakwela ukayi wotchili; ovindja vyahe handi kuvi] – Mais vale ser fiel ao que já nos pertence, porque da novidade nos poderemos arrepender tarde demais.

TCHUKULYA [yakulila kayukupopela tchiñgii] – Antes de ires ao julgamento, dê primeiro uma dádiva – paga! Assim, por o juíz estar comprometido contigo, não te condenará em tribunal.

VIHEMBA - É um nome dado a quem durante a gravidez e o parto provocou muitos problemas de saúde; foram precisos muitos medicamentos para a mãe ou mesmo o pai.

VISSOKA [ovissoka-soka vyovutima] – O coração pensa em tudo e às vezes sem razão!

(http://huambodigital.com/nomes-em-umbundu/)

KAMAKWINYI KAWANA A MIVU YA UFOLO

QUADRAGÉSIMO ANO DA INDEPENDÊNCIA

Mu kamakwinyi kawana ka mivu ya ufolo - no quadragésimo aniversário da independência
Tutalela kudima anga tumona ubika dikanga - olhamos o passado e vemos a escravidão ao longe
Sekwandala dingi kuvutuka kwenyoko anga - sem querermos lá novamente voltar e
Kala kilwanji kyala ni mbande twende ku polo - como um lutador capaz, sigamos em frente

Nda tukudise ilunji yetu yoso exi yatolo - para que façamos crescer a nossa escassa consciência
Mu kilunga kya ukudilu wa Ngola yetu ilunga - rumo ao desenvolvimento da n Angola q entende
Kuma twana twe twoso akayese okalunga - que todos os seus filhos afugentemos infortúnio
Mukulanda uzediwilu hanji mu mikolo - para alcançar a felicidade ainda acorrentada

Mu kizuwa kyafu malamba Ni jingololo - no dia em que a desgraça e os lamentos morreram
Twana twa Ngola adibongola mu makanga - os filhos de Angola uniram-se nos campos
Tunde mu itumba yetu ndu mwene mwazanga - a partir das florestas até à ilha
Mukulondekesa kuma Nzambi Watuzolo - para fazer ver que o Senhor nos ama

Mukizuwa kwila masoxi mazulu jimbolo - no dia em que as lágrimas molharam o pão
Jimbolo ja kudisa twana twexi kikwanga - pães de alimentar crianças q disseram ser kikwanga
Yene okizuwa kya ufolo yakexi kudisanga - foi o dia da liberdade que se encontrava
Kyokute kwala jinguma jetu jixi ki twamizolo - amarrada pelos nossos inimigos que disseram: não gostamos de vocês

Mu ikoka yoso itwande ki nguma watuzolo - nas veredas em que caminhamos n foi o inimigo que nos amou.
Mu jipambu ja ufolo twasange kalunga - nas encruzilhadas da liberdade encontramos a morte
Katulembwesa kubwima, kulaya, kusunga - q nos impediu respirar, viver, puchar
Kamwenyu kwala kwendela jinga ku polo - um pouco de vida para seguir sempre em frente





MÁRIO PEREIRA

SANTOCAS

A música fez aquilo que as armas não podiam fazer

MATADI MAKOLA

Santocas, António Sebastião Vicente, uma das vozes que vergou o seu canto penetrante ao serviço da canção política e que conseguiu fazer dela uma arma que o tornou famoso no seio de soldados, políticos e cidadãos atentos no desabrochar da independência, é de opinião que houve uma clara influência do legado dos nossos antepassados, e fala exactamente da nossa franja real, com casos grandíloquos como de Njinga Mbande, Mandume e outros que a defesa da pátria exigiu maiores sacrifícios na luta contra a ocupação do país e deturpação da nossa cultura. "Precisamos fazer imaginações possíveis e pontos de reflexão para tentar entender o sofrimento dos nossos antepassados escravos para construírem, por exemplo, a Fortaleza de São Miguel. Nós somos apenas a continuidade de uma luta. A juventude deveria saber reviver o passado para encontrar o seu grau cultural", pontifica.

O Bairro Indígena

Ao rebuscar as suas memórias, viu-se no Bairro Indígena e lhe assaltaram memórias de nomes importantes que fizeram parte na vizinhança deste pedaço inesquecível de terra do actual Nelito Soares, onde os nacionalistas e músicos engajados circulavam com certo à vontade e ali maquinavam tácticas de luta contra a opressão colonial. Um dos pontos que rebusca é a Cadeia Hospital São Paulo, que desta nos diz: " Era uma das cadeias que o colono tinha como uma das mais repressivas deste país. É lá onde eram levados vários nacionalistas. Muitos saíram daí deportados para outros países e outros acabaram por morrer aí mesmo. Era na calada da noite que os carrascos mais atacavam os nossos pais e irmãos, e nós, ainda miúdos, ouvíamos tudo isso. Era também por aquele caminho onde nós passávamos, aos sábados ou domingos, para irmos ao cinema São Domingo e à missa e tínhamos um contacto com os presos, que muitos das fazes chamavam por nós aos gritos e choros", recorda.

Esse cenário despertou em Santocas e miúdos do seu tempo uma consciência mais efectiva. À mistura com as brincadeiras de criança, viviam o dia-a-dia com todas essas situações, com a administração do Poeira e a PIDE no encalço dos nacionalistas e sempre prontos a ouvirem notícias de prisão ou de morte de um mais velho irmão ou pais.

Contudo, este bairro era já bastante angolano: "Qualquer um dos nacionalistas que conseguisse fugir adentro do bairro, os sipaios encontravam muitas dificuldades em segui-lo porque não podiam entrar naquele bairro".

Nasceu neste bairro e são situações que viam todos os dias. Nos dias de lazer, recorda a lendária cacimba, onde dificilmente acabava a água, e sempre que chovesse os meninos não resistiam e viam como certa a possibilidade de irem dar uns mergulhos, apesar de ter as suas lendas, que era uma zona de tratamento e que tinham lá sereias, e as senhoras iam lá tratar os kitutes, e cruzavam o bairro até chegar à Macambira, a grande fábrica com tudo e todos da indústria têxtil, que ficava a passos da sua antiga escola, e recorda que eles, os meninos negros, às vezes, com alguma inocência à mistura, iam invadir a creche dos meninos brancos à hora do almoço, que ficavam em bairros chiques como a Vila-Alice, ali vizinha.

Matriz

Foi essa realidade a matriz fundamental, toda essa necessidade de liberdade ajudou a despertar nele a canção política. Quando toma conhecimentos das transformações em Portugal, com o 25 de Abril, isso deu-lhe mais ousadia para exteriorizar a opinião angolana sobre o aparelho colonial português. Contudo, a sua veia artística, aponta, já remonta desde os seus 6 anos, partindo ainda dos tempos das turmas. A sua avó era dona de um canto elogioso, e ele era um dos netos que estava sempre atrás da avó. Foi ouvindo muito as suas experiências. Os seus tios e a sua mãe (embora não estivesse ligada a grupos) foram dando a experiência necessária e o hábito do canto. Marca como início o Centro Recreativo Botafogo, que tinha outras orientações escondidas para além da simples intenção cultural, pois criava condições para transmitir aos vários nacionalistas a forma como eram explorados e consciencializa-los para a luta. Mas depois o aparelho colonial



foi se apercebendo das coisas e procurou dar um fim. Mas foi crescendo até que apareceu o Maxinde e depois aparece nos Cotonocas e no programa Chá das Seis.

Hoje, dando importância da música para a consolidação da independência, embora com as suas dificuldades, dá como certo que foi a arte que mais penetrou e a que mais motivou e mobilizou o pessoal para luta que vinha sendo mantida: "Antes do Ngola Ritmo, o mais notório, deve haver outros que a história um dia fará a justiça de trazelos à tona. Mas a música, importa salientar, teve um papel muito importante. E, mesmo a partir do Angola Combatente, nós podiamos ouvir várias canções também interpretadas por figuras distintas da luta de libertação".

Voltando ao Bairro Indígena, recorda um episódio passado em sua casa, já quando mais crescido: "Numa altura em que estava a jantar, dou conta do vulto de alguém lá fora e vou a correr a abrir a porta e encontro um dos meus amigos de infância a tentar enfiar debaixo da porta um panfleto. Mesmo entre nós jovens a clandestinidade já era uma questão que se levantava e não podíamos dar informações. A nossa mutamba era mesmo defronte a Avenida Brasil, mas não sabíamos ao detalhe o que um ou outro fazia, como forma de prevenir que caso fosse pego pela PIDE jamais saberia identificar os outros, a não ser que de tanta tortura dissesse algo só por dizer. E estávamos organizados por grupos, e as mutambas serviam para fazer o diagnóstico do dia-a-dia".

Todo este cenário foi de facto a mola impulsionadora para o amadurecer da mente política, independentemente da contribuição de alguns familiares.



Enveredar para a canção política não foi uma questão só do momento mas de estar documentado com um historial do que se passava a largo anos.

Santocas nos diz: "A música fez aquilo que as armas não podiam fazer. A música é que arrastou muita gente a manusear todo este instrumental que foi determinante para a derrocada do colonialismo e consequente independência de Angola. Não se pode negar o papel preponderante que a música teve neste processo de libertação. É tanto assim que quando se começou a cantar música de cariz político, todo mundo queria saber quem era o Santocas, tanto brancos como negros. Ainda encontro-me com muita gente que está nas FAPLA e que confessam que foram para guerra devido aos efeitos causados pelas canções, e mesmo em frente de combate ouviam registos como ´Massacres de Kifangondo´ e ´Heróis Serão Vingados´, ou ´Valódia´".

Quarenta anos depois, hoje não consegue fazer uma avaliação de tudo aquilo que fez, enquanto músico, para o bem comum do seu país. Mas sabe que é de valor inequívoco e que também tem uma pedra sua na grande parede da construção da história moderna de Angola: "Quando, entre amigos, passávamos o Bairro Indígena e olhávamos para a cidade onde vínhamos, o nosso pensamento era sempre no amanhã: seriamos diferentes e poderíamos viver dentro de um país onde poderíamos dizer que fizemos uma luta e viver um pouco dela. Porque quando nos comprometemos não houve nenhum compromisso da minha parte, houve apenas vontade, entrega e princípio revolucionário que nos norteava para a luta", recorda hoje Santocas, que quando se deu o grito de independência estava sediado numa casa na Vila Alice, rua da Liberdade, sob direcção do camarada Pacavira, coadjuvado pela camarada Zé Gama, irmã do cantor Mário Gama.

BELMIRO CARLOS

Tivemos um papel importante na consciencialização da tropa

MATADI MAKOLA



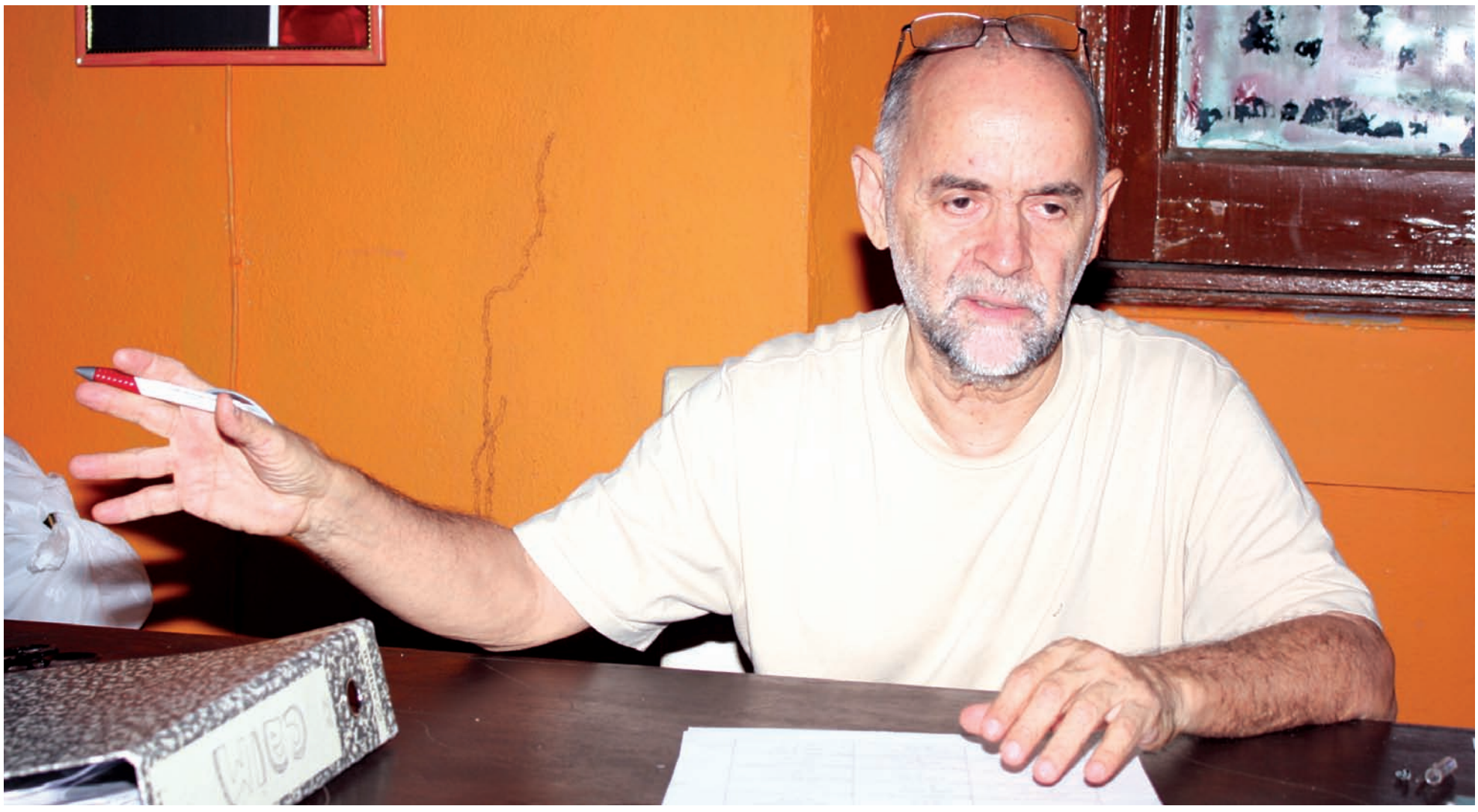
O músico Belmiro Carlos ´Nito´, Secretário Geral da União dos Artistas e Compositores –UNAC, que também participou como integrante do Kissanguela, coincidentemente comunga com Santocas na influência dos antepassados, nos diz: "Não era apenas coragem. Gosto muito de falar em contexto. Nos eramos a sequência de uma gesta de pessoas revolucionárias, que mantiveram a luta contínua contra o colono e que auguravam a independência nacional. Era apenas a independência, sem outras intenções. Fomos aos Maquis mas não para sermos generais. Continuamos a nossa vida. O Kissanguela participou neste processo todo sem salário e tivemos a honra e o prazer de sermos o agrupamento presidencial de Agostinho Neto. Era militância. Era preciso defender o país. Eram outros tempos. Outro contexto".

Acentua que a sua geração tinha um apego muito profundo ao sentido pátrio, mas que já não se nota na presente, que tem demostrado uma corrosão muito grande dos valores, porque a maior parte dos jovens tanto lhes faz ser português ou angolano.

De tudo que foi feito em prol da pátria, Belmiro Carlos não avalia: "Eu não tinha bem noção, enquanto membro do Kissanguela, dos efeitos que a música fazia em frente de combate. Tivemos um papel importante na consciencialização da tropa, no despertar da sociedade para a necessidade da preservação da unidade nacional e combate ao tribalismo, mobilização para a produção e necessidade da disciplina. O efeito tremendo. Já houve vezes que o noticiário abria com uma peça sobre o grupo, passada com uma música ao fundo".

MENA ABRANTES

O teatro que 75 gerou



O dramaturgo Mena Abrantes dirige a companhia de teatro Elinga e tem trabalhos publicados sobre o teatro angolano

MATADI MAKOLA |

O debate periódico "Há Teatro no Camões", realizado nos dias 27 e 28 do mês passado, no Instituto Português de Luanda – Camões, se esforçou por tecer considerações das fases do teatro, trazendo a claro alguns momentos que antecederam a independência, com Mena Abrantes, Orlando Domingos e Adelino Caracol à mesa.

Foi Mena quem se dedicou a descrever o que de teatro havia. Conta que chegou a Angola em Novembro de 74, depois de 12 anos ausente. Nessa altura, recorda, o país vivia um período de forte tensão política, com a luta de independência no seu auge, o que tornava praticamente impossível continuar a sua actividade teatral desenvolvida já em Portugal e Alemanha, deixando a intenção de somente dedicar-se ao teatro ultrapassada pelos factos, seguindo assim a carreira de jornalista. Sobre o teatro, foi nos primeiros tempos de 75 que se associou a um director, que segundo nos diz "não era profissional, mas que era muito dedicado", que vinha do teatro experimental do Porto e que tinha já nos dois anos anteriores desenvolvido espectáculos com alunos na Lunda, onde ele estava destacado profissionalmente. Chamava-se César Teixeira e chegou a falecer na Austrália. Ele e Mena tentaram junto de algumas assistentes sociais organizar pequenos projectos teatrais que não deram em nada. Depois disso já aponta a data de Março de 75, altura em que a situação militar na urbe luandense começa a se agravar com conflitos militares dentro da cidade provocados por militares zairenses que "nem sequer sabiam falar português e causaram distúrbios dentro da cidade, de tal modo que começaram a queimar casas", pormenoriza Mena. Nessa altura, continua, os estudantes estavam em greve e a população começou a refugiar-se dentro das escolas, aí no Largo das Escolas, motivando a formação de grupos de trabalho de apoio para a alimentação e formação política. Mena e César reuniram um grupo de jovens para durante à noite tentar animar as pessoas que estavam concentradas nas escolas, ao mesmo tempo que procuravam também dar uma mínima formação política, pelo menos abordar problemas políticos daquele momento. A partir de Março de 75 fizeram uma série de acções teatrais propagandistas, que não considera propriamente teatro, minimamente elaborado e improvisado com textos curtos. Durante alguns meses mantiveram esta actividade nas escolas. Foi a primeira experiência de teatro que viveu com os estudantes que estiveram em greve, que destes o único sobrevivente foi o consagrado actor Orlando Sérgio, que na época tinha pouco mais de 14 anos. Depois começaram a montar um espectáculo sobre a história de Angola, que nunca chegou a ser apresentado. Foi destas dezenas de estudantes que nove sobrevivem e dão corpo ao grupo Tchigangi, que foi o primeiro grupo de teatro a apresentar uma obra depois da independência, levada em cena na Liga Nacional Africana a 28 de Novembro de 1975, intitulada "O Poder Popular", dirigida por César Teixeira. Essa fase foi a que Mena viveu. Quando começou a se informar sobre o que tinha acontecido antes, veio a saber que nos anos 50 tinha já havido uma primeira experiência com um grupo chamado Gexto- Grupo Experimental de Teatro, dirigido por Domingos Van-Dúnem. Era um grupo inspirado num grupo brasileiro que se denominava Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias do Nacimento, com o intuito de começar a incluir actores negros no teatro brasileiro. Não sabe de que modo a experiência se repercutiu em Angola. Mas esse grupo acabou em poucos anos.

Mena avança que depois houve outras experiências, sobretudo na Liga Africana e noutras associações de carácter interventivo e entretenimento onde os nacionalistas, através da actividade cultural e artística, iam afirmando as suas produções ainda no tempo colonial, como são os casos do Bota Fogo e Ngongo e nas áreas libertadas do Leste Angola, onde a partir do início dos anos 70 começa a se desenvolver actividade teatral iniciada por professores que aí lecionavam, que ficou conhecido como ´teatro pioneiro na guerrilha´. Explica que os professores davam às crianças um mote para elas desenvolverem e depois improvisam algo e as próprias crianças andavam de aldeia em aldeia a apresentarem aos mais velhos e crianças o significado da luta de libertação e os problemas que existiam, expressos através destes grupos infantis, sendo essas as experiências anteriores, em que se regista a participação dos angolanos. Antes, pontua, faziam peças, mas improvisadas, não publicando os textos, que destes se tem referência de um auto de natal, ainda na década 50.

A NACIONALIZAÇÃO CULTURAL DO HOSPITAL MILITAR

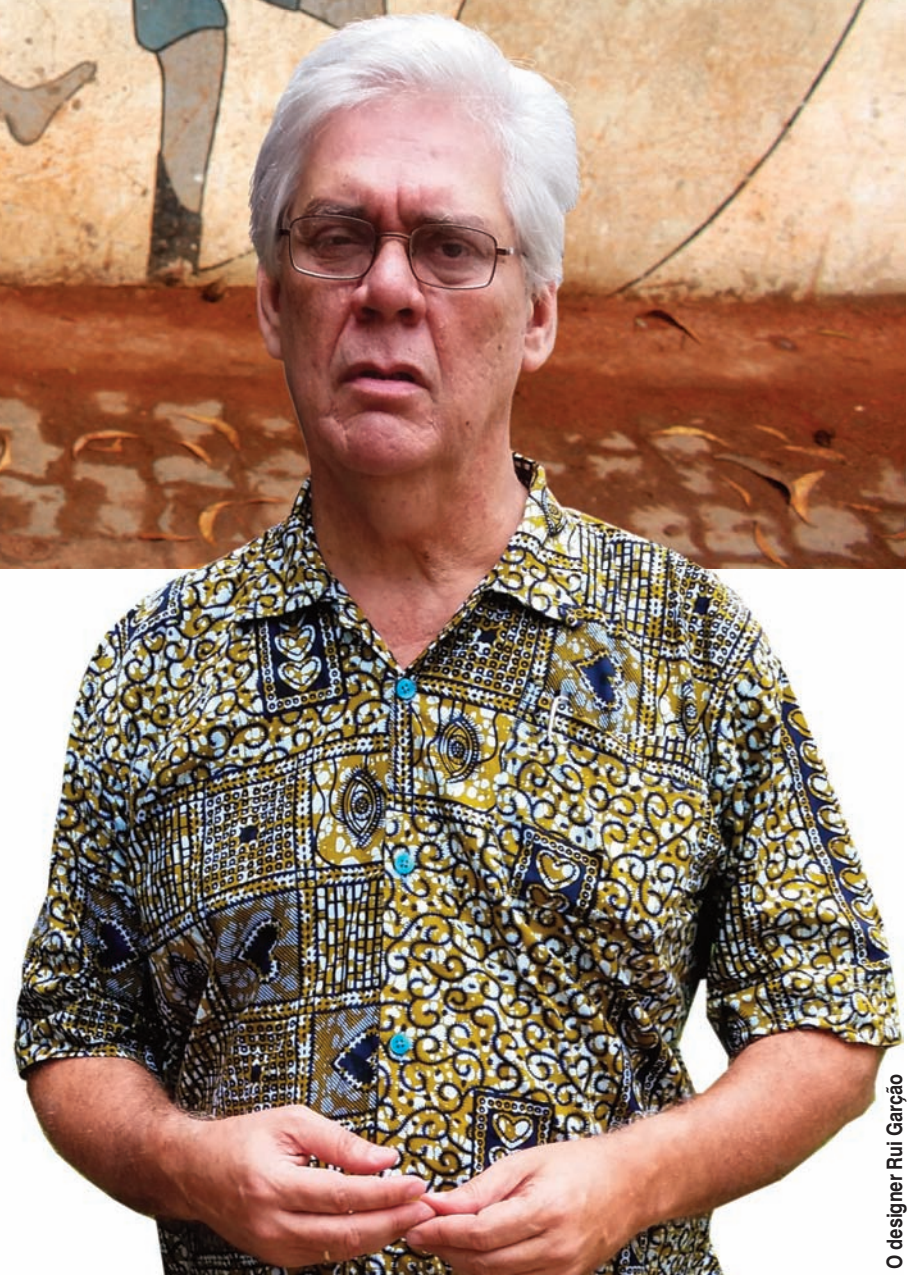
JOSÉ LUÍS MENDNÇA

"As pinturas nos painéis do muro do Hospital Militar surgiram em 1976. O mentor foi o então Secretário de Estado da Cultura, António Jacinto", explica Rui Garção, um dos principais orientadores do grupo de pioneiros, na sua maioria órfãos de guerra, que tiraram dos pincéis e latas de tinta os contornos da história de Angola e da luta de libertação perenizada naquela instituição do Ministério da Defesa. "Foi perto da comemoração do primeiro aniversário da independência e foi feito em três semanas. Trabalhámos dia e noite com holofotes a projectar luz nas paredes. Foi uma acção rápida", acrescenta Rui Garção. Esta acção rápida constituiria uma nacionalização cultural do hospital.



"Os pioneiros, na sua maioria órfãos de guerra, estavam paralelamente a ser enquadrados numa oficina de Artes, chamada O Barracão, também por iniciativa do Secretário de Estado da Cultura. Enquadrámos os miúdos nas actividades artísticas de tecelagem, pintura, cerâmica e arte de cinema", confirma Rui Garção: "estou-me a lembrar da fundadora do Barracão, a falecida Teresa gama, uma pessoa entusiasta, que levou avante esse projecto. Passado pouco tempo entrou a Cecília Amaral Martins e essa actividade de pintura mural esteve ligada à época em que vivíamos, à Revolução, à necessidade não só de decorar parques e paredes urbanas, como também de transmitir mensagens políticas." Foi uma época efervescente que levou Rui Garção a ilustrar os textos da primeira grande antologia Literatura Africana de Expressão Portuguesa para o ensino secundário.

"Colaborei também na introdução dos outdoors que a publicidade utiliza, naquela época com mensagens políticas, que reproduziam imagens de Marx, Lénine, Agostinho Neto, Fidel Castro, eu era um jovem de 18 anos e colaborei com uma equipa de mestres cubanos de serigrafia e desenhámos esses primeiros outdoors que proliferaram ali no largo 1º de Maio e noutros largos da capital", recorda Garção.



O designer Rui Garção



Buli-Buli, Ananias Malaquias e Antono Neto

Quando entrei para as FAPLA, em 4 de Dezembro de 1974, usávamos armas de pau e borracha. Era o camarada Dino Matross que nos controlava"

MIÚDOS DAQUELE TEMPO

Sobre o projecto do Hospital Militar, "os miúdos daquele tempo ainda estão vivos", diz o nosso interlocutor. Estivemos à fala com Ananias Malaquias, 53 anos, que era um piô do Marçal, mobilizado em Malanje, em 1976 e desmobilizado em 1987, por deficiência física, após um ataque sofrido em Maria Teresa, a uma coluna que transportava instruendos para Luanda. Ananias recorda-se muito bem das professoras Teresa Gama e Cilita. Há muito que deixou a arte de pintar. Hoje é motorista. "Em 1976, o MPLA nos recolheu para nos meter no lar 1º de Dezembro, no Alvalade", conta Ananias, englobando nesse nós todos os pioneiros quer marchavam conjuntamente com as FAPLA.

Através de Cecília Martins, conseguimos desencantar, para além do já citado Ananaias Malaquias, outro sonhador da era da independência, de sua graça António Sebastião Neto, hoje com 55 anos. Quando entrei para as FAPLA, em 4 de Dezembro de 1974, usávamos armas de pau e borracha. Era o camarada Dino Matross que nos controlava", diz Neto.

Outro ex-pioneiro que entrevistámos, defronte ao Hospital Militar, foi José Francisco Soares (Buli-Buli), que "tinha muito cabelo e era um pouco cheio", explica Ananias. Buli-Buli, que hoje não é lá tão "cheio" como naquele tempo da Revolução, nasceu no Bié e passou uma ano pela Polícia Militar, na logística, quando chegou a Luanda com uma coluna militar em 1976. "Foi uma ordem do Presidente Agostinho Neto, para todos os pioneiros que estavam nos quartéis irem estudar no lar 1º de Dezembro e depois no Barracão aprender artes", relembra Buli-Buli.











ELIAS DYÁ KIMUEZO

"Foram momentos de bonita coragem"

MATADI MAKOLA |

Meses antes do convicto grito de independência, nesse ano de 75, que agora faz 40 anos, uma mãe grávida de sete meses passava de cadeia em cadeia à procura do marido que certas bocas davam como morto. É um dos episódios marcantes da história deste vulto da música popular cujo trajecto sólido acabou por lhe valer o estatuto de Rei da Música Angolana. Esta mãe era Dona Susana Cadete, a esposa e companheira de luta do singular Elias Dyá Kimuezo, que traduzido para o português seria Elias das barbas. E foi devido às barbas que este engano se estava a tornar sério. É que chegou a aparecer um morto barbudo numa das praias num período em que Elias era um dos músicos na mira da PIDE. Todos queriam saber onde estava e o que é que aconteceu. Depois diziam que apareceu na Baía. Era andar e andar muito. E os que estavam do outro lado, em Brazzaville, também queriam informações. Dona Suzana marcava encontros sempre defronte ao Américo Boa Vida, e lá estava sempre ela em pé e só sabia que vinha alguém, um nacionalista, decerto, trazendo novas do marido que na altura estava na cadeia de São Nicolau.

Elias estava na sua casa, no Rangel, no dia 11 de Novembro quando se tinha dado o grito da independência e a festa se estendeu por todas as ruelas e até por aquelas ruas de bairros elegantes onde até um pouco antes os angolanos passavam por lá menosprezados. Não saiu de casa porque ainda sofria dos medos e horrores passados em São Nicolau. O mal passado aí ainda era muito fresco. Ficou a ouvir e a assistir em casa, inquieto com tudo que lhe passava na cabeça naquele momento, mas com o saboroso sentimento de dever cumprido, da terra estar novamente nas mãos dos seus legítimos donos e a desenhar em sonhos o novo país.



Elias Dyá Kimuezo e Suzana Cadete nos dias actuais

Este relato é-nos contado pelo próprio músico Elias, em entrevista ao CULTURA, solicitada à propósito para saudar estes quarenta anos de vida da Nação. Guiou-nos pelas memórias marcantes que tem guardadas no seu coração operante, cujas palavras-chave são fotografias, sons, choros, cheiro a mar, sangue, Luanda, pátria e sorrisos construídos com laivos de uma esperança sagrada, antes da eclosão da independência, na sua gestação dolorosa e sangrenta para por fim a um regime esclavagista que se arrastou por mais de três séculos. Embora não reivindicada deste ponto de vista, Elias enfatiza que esta, as independências, também foi uma das grandes contribuições dos africanos na elaboração do novo mundo e seus conceitos, que no caso de Angola teve a conquista derradeira a 11 de Novembro de 1975, à custa de um sem número de pessoas dispostas a dar a vida, como é o caso do nosso entrevistado, que soube misturar o artista e o cidadão em prol da luta pela independência.

São Nicolau

À época morava na Floresta, no antigo Picapau, nos arredores onde hoje está o Centro Cultural Kilamba. Em 75, quando a população se rebelou e invadiu algumas cadeias onde tinham os seus familiares presos pelo regime esclavagista português, partindo lojas e saqueando as coisas, Elias, numa conversa mantida na rua com alguns jovens, a fim de convence-los a não partirem as coisas que posteriormente viriam a precisar, foi marcado pela PIDE. Os tugas viram-no a orientar os jo-

vens em como proceder com a manifestação e julgaram que o músico fosse o líder político que tinha engendrado a rebelião. Como morava próximo do local em que abordou os miúdos, não demorou muito e a tropa tuga estava logo em sua casa para busca-lo. Ficaram aí no espaço do Hospital Prisão São Paulo e mais tarde foram recolhidos para sétima, depois para Marinha, rumo a São Nicolau. Ficou lá cerca de seis meses. Lá ocorreram muitas coisas que lhe marcarão por toda a vida, como a fama que veio a rolar de que o Rei da Música Angolana tinha aparecido morto numa das praias, arrastado pela correnteza do mar. Foi assim, um tanto a tentar quebrar este equívoco, dado que Elias continuava vivo e preso, que os tugas se viram obrigados a lhe darem soltara aos fins-de-semana. Saia de São Nicolau e ia até ao Namibe. Regressava às segundas-feiras. Os tugas agiram um pouco sob pressão da grande acutilância que o programa radiofónico Angola Combatente tinha dado ao caso. Lembra os nomes de angolanos que o estenderam a mão e que fazem parte desta odisseia, como Batalha, do Giro-Giro, que trabalhava no Caminho-de-ferro, um senhor identificado apenas como Tio da Riquita, outro era o Rui Boleto, o mais velho Loto e outros que o cuidadoso exercício da memória não iluminou oportunamente mas nem por isso menos herói, como fez questão de frisar, ao voltar a construir as memórias deste período. E continua o tecer desta epopeia dizendo-nos em acréscimo que não tinham água doce e que os alimentos eram cozidos com água salgada, naquela cadeia a beira-mar onde o vento causava muito frio mas mesmo assim a malvadez dos tugas era tanta que obrigavam os presos a tirarem a manta, tanto que estes, os angolanos presos, apelidaram o lugar de "tira a manta". Desta memória lhe são claros os nomes Carlitos, que era cobrador de autocarro, e Duque, irmão do Ambrósio de Lemos.

Sambila

Foi no Sambizanga onde travou amizade com José Eduardo dos Santos, Mário Santiago, Zarga, mais velho Kito e outros, no final da década de 50. Elias já era músico de estima e estas figuras marcantes da história política angolana viram no músico uma mais-valia para o grupo que existia, o Ginásio, onde José Eduardo dos Santos era o viola-solo, e contava com nomes como Pedro de Castro Van-Dúnem "Loy", Faísca, Brito Sozinho, 59, Rufino, do Caminho-de-Ferro, e Mário Santiago.

Ginásio era o ponto de encontro dos conhecedores da política e que tinham a sagrada missão de despertar os demais. Lembra os nomes dos mais velhos Tchivenga, Franco, Rita Pitra. E a independência era estrategicamente chamada de camisa. Quando se dava encontro com pessoas que traziam as nonas de Brazzaville e outros pontos onde a intervenção da política angolana se fazia sentir, era imperioso perguntar: "Como é, a camisa já coseram?".

Diógenes Boavida, Beto Van-Dúnem, Rui de Carvalho, Zé Maria, do Ngola Ritmo, Mário Clington são alguns nomes que o conduziram para uma acção mais nacionalista e fizeram despertar no músico o ideário pátrio. É assim que ganha um certo desapego às músicas em português, fruto dos conselhos que estes dirigiam ao músico. Assim o kimbundu fica a língua de eleição para o seu canto. Beto Van-Dúnem e mais alguns nacionalistas já vinham de um desterro e já tinham os olhos bem abertos e coragem amadurecida para a luta clandestina pela independência. Foi neste sambila onde muitos encontros terminavam em reuniões e troca de ideias sobre a luta nacional, muitas vezes feitas em casa do pai de Mário Santiago, lá no lado de trás, onde havia uma casinha de chapa e tudo ficava despercebido. Estava tudo camuflado, num misto de jovens do desporto e da música. Lembra ainda os nomes de Justino Fernandes e Ambrósio de Lemos: "A malta do Ginásio era mais de cobertura e mensagem do acto político", relembra Elias. "Mamã Kudilé N'go", volta ao canto, com a sua a voz tocante, que era veículo de uma preparação psicológica para as mães que a qualquer altura podiam (e viam) os seus filhos partirem para a luta. Detalha que Maria Mambo Café chegou também a fazer parte do conjunto, um pouco para entender o casamento entre a luta e a música. Mas não foi só de histórias felizes: "Uns chegaram e outros ficaram pelo caminho", recorda, já com semblante de tristeza impresso no rosto. E salteia para o agora: "O país já tem uma vida e é preciso encorajar as pessoas que estão na condução do país e pedir para que as pessoas que deram a vida por esta terra não sejam esquecidas", aconselha.

Kissanguela

Antes passa pelos Ilundu, lá para os idos anos 60, onde trava amizade com a distinta dançarina Olga Baltazar, depois funda um conjunto de operários da Textang que tinham a sede no Braguês, no sambizanga, depois chega o Kissanguela, "Sociedade dos filhos de Angola", que ajudou a fundar e sugeriu o nome e que fez da música um dos grandes trunfos da política de mobilização para a luta.

"São amizades que ficaram. Foram momentos de bonita coragem. Já morava no Marçal e era um bairro recheado de artistas: Fontinhas, Malé Malamba, Kim Jorge... Kilamba, Maxinde, Ginásio, Sunguila, Don Kixote foram casas que devem ficar sempre na nossa memória. Os grandes dias no Marítimo da Ilha e Dona Xica. Nos sábados estávamos todos virados para a Ilha, Braguês, Maxinde. Só havia duas grandes bailarinas: Olga Baltazar e Alba Clington", refaz, em síntese, a fotografia de um período que antecedeu à independência.

Minha Mãe não chore...

Deste período, o registo Mua lunga lhe marca pela forma como a compõe. Foi composta em alto mar quando ia para Lisboa, em 1969. Fala da trajectória dos 12 dias passados em alto mar. Ficou desesperado por estar tanto tempo sem ver as árvores, terra e capim que estava habituado a ver. Foi pela primeira vez que viajara ao exterior. Ia numa caravana para fazer-se presente num festival em Santarém (Portugal), cumprindo um convite formulado pelo SITA para representar a Província de Angola. Integravam também a Rebita do Velho Geraldo, Os Homens do Hungo da Muxima, os Chinguvo do Moxico e a Marimba de Malange. Muitas músicas lhe deixaram no encalço da PIDE, era difícil entender, mas aquela que dizia "minha mãe não chore, que eu vou ao Maquis mas vou voltar, mesmo que voltar cego, só de tocar teus seios hei-de reconhecer que és a minha mãe", é esta cuja ternura e intenção da mensagem fez questão de repassar durante a entrevista, nos dizendo que a música fez o papel de mobilizar, acautelar, encorajar e dizer verdades de episódios tristes que os angolanos estavam sujeitos a viver, mas também confortar às mães que perderam os seus filhos a lutar pela terra e liberdade.

Às vezes quem lhe acompanhava era o seu amigo "Próprio Nini", de seu nome Alves Neto. Muitos contrafés eram deixados no bar Flor da Brigada. Aí também neste bar teve bons momentos de conversa e música com Dominguinhos, do Dimba Dya Ngola, cujo pai era enfermeiro aí no Hospital Cadeia São Paulo e frequentava aquela área. Era vizinho aí próximo, num tempo em que recorda o semba ter sido o ritmo da mensagem, mas dividia espaço com a música brasileira, com Roberto Carlos, e congolesa, com Francó.

"Minha mãe não chore, que eu vou ao Maquis mas vou voltar, mesmo que voltar cego, só de tocar teus seios hei-de reconhecer que és a minha mãe", trecho de uma das músicas de Elias Dyá Kimuezo, que o próprio fez questão de destacar durante a entrevista concedida ao CULTURA, que aconteceu em sua casa, no Bairro Nova Vida, em Luanda



Elias é saudado pelo Presidente da República no dia da abertura da Embaixada de Angola na Namíbia



No dia em que Fernando da Piedade Dias dos Santos entregou a a carteira profissional de músico a Elias

CALABETO

O semba foi o estilo musical da mensagem



Calabeto exibindo o seu melhor na ginga, indumentária e canto angolanos em palco

MATADI MAKOLA |

Calabeto é uma das vozes sonantes da história do cancioneiro angolano, conhecido pela sua enérgica postura dançante em palco, indumentária, e por possuir uma das vozes do melhor timbre da sua geração. Tem nos seu percurso passagens por vários grupos, mas procuramo-lo para ouvir deste Kota Bué palavras que preenchessem estas páginas com algumas memórias atreladas no dia da proclamação da independência. Disse-nos de imediato que viveu este período com grande intensidade, na medida em que ainda era jovem. Mas naquela altura já era uma pessoa ligada às artes, na especialidade de música. Foi assim que integrou a JMPLA, onde se criou uma secção de música e dali ajuda a fundar o agrupamento musical Kissanguela. Foi com este agrupamento com o qual trabalhou intensamente para ajudar o MPLA a vencer todos os obstáculos, por formas a que no dia 11 de Novembro de 1975 o Presidente Agostinho Neto proclamasse ao país e ao mundo a independência de Angola.

De nome completo António Miguel Francisco ´Calabeto´, natural de Luanda, com os seus já cotados 70 anos de idade, ele e os camaradas Carlos Lamartine e Filipe Mukenga, enfatiza o nosso interlocutor, não passaram despercebidos naquele que foi o primeiro dia em que o país impôs ao mundo a sua soberania enquanto Nação: "Fomos das primeiras pessoas a aprender o Hino Nacional. Porque nós, na qualidade de músicos, e já consagrados, fomos escolhidos para aprendermos o Hino da República e posteriormente ensinarmos a um grande grupo de camaradas com os quais estivemos no dia 11 de Novembro no Largo 1º de Maio (hoje Praça da Independência), para entoarmos o hino enquanto o Presidente proclamava ao mundo a independência de Angola", lembra para o presente e para a posterioridade a sua acção neste magno dia.

Entretanto, não só aprenderam o hino de Angola como também alguns cânticos revolucionários de alguns países africanos. Lembra que entre os convidados esteve também o malogrado Samora Machel, na qualidade de Presidente de Moçambique, que cordialmente retribuia o gesto de Agostinho Neto que também se fez presente na altura da proclamação deste povo irmão. Calabeto reporta que no acto foi também entoado um cântico de moçambique que dizia que aquele país era de Rovuma ao Maputo, tal como se fazia referência no caso da homóloga Angola que era de Cabinda ao Cunene. E Calabeto recorda: "Estando também na independência moçambicana em 1975, porque o agrupamento musical Kissanguela integrava privilegiadamente a delegação presidencial sempre que o presidente Neto se deslocava para fora do país, no Largo 1º de Maio, em 75, na hora em que o Presidente proclamava a independência, estávamos nós no largo a entoarmos o hino da República e alguns cânticos".

Camarada Ingo

O facto de na altura ser ainda jovem não foi empecilho. Estava consciente da luta e da missão a cumprir, e, lúcido destas responsabilidades, se entrega de forma total à causa da independência, ciente de que o grande objectivo era interpretar com veemência as canções com conteúdo revolucionário, a canção politica que ajudava o MPLA. Sabia que era uma questão de saber equacionar, porque naquela altura ele e muitos outros camaradas eram funcionários do Estado, sendo assim requisitados para o trabalho político. Mas como músicos ficaram entendidos na política não é muito difícil de adivinhar, afinal era um período em que todas as individualidades estavam engajadas e mobilizadas para a luta. Assim, não tiveram problemas em cumprir este desígnio, também porque tinham passado por uma pequena formação política básica administrada pelo camarada Ingo (Benigno Vieira Lopes) e que lhes serviu de grande suporte: "Estávamos equipados. Não tivemos nenhuma dificuldade para sensibilizarmos os homens a integrarem no seio do MPLA e partirmos para uma revolução", analisa quarenta anos depois das tensões vivadas que geraram o 11 de Novembro.

O Semba sabe melhor cantado em kimbundu

"Sempre com o semba", nos diz. E afirma estar no género não só como músico, mas por uma ligação mais profunda, dado que é oriundo de pais kimbundu, da região de Luanda. Reconhece o português ser a língua que nos liga, mas era maioritariamente em kimbundu que as contribuições musicais faziam filtrar com mais êxito a mensagem: "Mas, sem desprimor para as outras classificações, devo mesmo confessar que o semba sabe melhor cantado em kimbundu", defende.

O semba foi o estilo musical da mensagem. Mas com esta afirmação não nos quer com isto dizer que o semba é que padroniza a música angolana: "Não é verdade. Porque nós temos 18 províncias e cada região tem a sua parte rítmica, temos kilapanga, sekessa, semba e outros. O ponto a realçar incide no facto de que o semba foi o que mais se destacou no meio de todas estas bases rítmicas. Por exemplo, quando íamos ao estrangeiro e interpretássemos algum ritmo que não fosse o semba, eles poderiam não conotar o género a Angola, mas era o contrário quando se tratava de semba".

Última mensagem

Pedimo-lo que tirasse do seu coração uma mensagem de luta e encorajamento para todos aqueles com quem passou as intempéries sociais que desembocaram na revolução que originou a independência, e disse: "Vai no sentido de dizer a todo povo angolano, e em particular aos camaradas que no dia 11 de Novembro de 1975 trabalharam no Largo da Independência, que é bem verdade que hoje são 40 anos de independência. Valeu a pena trabalhar, muito embora nós não tenhamos ainda o sucesso individual que merecíamos. Mas não vamos desanimar e cruzar os braços. São fases. Vamos continuar e acreditar que nos próximos anos tudo estará melhor e que receberemos alguns prémios e que haja saúde para todos".

Casos da nossa vida social

III. Sagacidade Juvenil

O povo angolano conquistou a independência há 40 anos, após o conflito armado de libertação nacional, que principiara em 4 de Fevereiro de 1961.
De 1992 a 2012, foi molestada por uma guerra civil que lhe infligiu incomensurável sofrimento.
Após o restabelecimento da paz, a população convive com os resquícios desse passado sangrento, mas mostra-se batalhadora, alegre, caminhando para o desenvolvimento, com coragem e dedicação.
Hoje, vive-se a fase de reconstrução e de investimento nacionais, sobretudo no capital humano.
Ora, tendo o Recenseamento Geral da População e da Habitação, efectuado em 2014, revelado que a população angolana é maioritariamente jovem, a aposta na sua formação deve perdurar, cativando para os cursos de formação profissional os jovens que se revelarem com perfil para essa certificação.
Essa necessidade de dotar a camada juvenil de formação qualificada assume-se evidente, quando esbarramos em jovens como os que, a seguir, se descrevem.



MÁRIO ARAÚJO



Crianças do Futungo

CANDONGUEIROS

Quem se faz transportar de táxi colectivo, habitualmente, depressa se familiariza com o cenário seguinte:

- Em qualquer local da avenida, o cobrador, com a porta da carroçaria aberta (corrida), empoleira-se nesse sítio e, com uma das mãos agarrada ao tejadilho da viatura e a outra segurando as notas, dobradas ao comprido, entre os dedos, grita aos transeuntes, meneando a cabeça como pássaro engaiolado: «Sã Pálu! Sã Pálu na gilera!»; «Multiprefil no ar condicionado!»; «Eroportu! Eroportu!...»; «Ilha! Ilha!...» ou «Congolensi de cem!», enfim, papagueia o destino da respectiva viagem.

- As paragens, onde os táxis devem tomar ou largar os passageiros, estão regulamentadas. Por exemplo, no troço entre o Mercado dos Congolenses e a Mutamba, estão previstas paragens em frente à loja de electrodomésticos, a seguir ao Estádio da Cidadela e antes do edifício do MINARS; no cruzamento do Zé Pirão, no Cine Luanda e na terminal, Mutamba. No entanto, as mesmas não estão sinalizadas como as dos autocarros da TCUL que exibem uma sinalética afixada ao longo do percurso. Este facto, aliado à pressa dos transeuntes em apanhar o "carro de praça" e à gula da dupla motorista/cobrador pelo lucro rápido, torna anárquico o sistema de tomada e largada de passageiros. Por esse motivo, é comum assistir-se a episódios como os seguintes: «Moço, saio na loja do disco jóquei» ou «No Comilão, fico» ou «Cobrador, saio na Clínica de Santa Marta», o chamador brada, então, ao motorista: «Tira fora» e este encosta à berma; polícias de trânsito a multar os taxistas por estes tomarem ou largarem clientes fora das paragens regulamentares, por vezes, com a viatura ainda em movimento; conduzirem sem cumprimento do limite de velocidade citadino; por se entreterem com mbaias, ou por desrespeitarem a lotação de passageiros permitida por lei.

24Jan15

Apanhámos o candongueiro em frente ao posto de combustível Sonangalp, da Av. HojiYaHenda, como habitualmente.

Na descida da Av. de Portugal para a Mutamba, o trânsito está parado no túnel em frente ao antigo Cine Luanda. Para contornar este costumeiro contratempo, o motorista altera a rota, virando na Rua Frederico Welwitsch, em direcção ao Kinaxixe.

Já no início da Rua da Missão, o condutor – reparando que o trânsito se encontra igualmente duro – simula a presença de uma operação stop em frente à sede da TAAG.

- Descem, a polícia está lá frente!

- E a gente tem que descé porquê? – questionam os passageiros, em uníssono.

- Vocês não estão a perceber? O condutor não tem carta ou os documentos da viatura! – adianta um rapazote, com os auriculares pendurados nas orelhas.

- Descem! Vão andando que a gente vos apanha lá frente! – sugere o motorista, incomodado.

- Eu desço, mas quero o meu dinheiro de volta! – responde, com veemência, um senhor de cabelo grisalho.

- Também eu! – aquiesce outro.

- Também nós! – corroboram os restantes.

Em conluio com o condutor, o chamador devolve notas de 100 kwanzas a cada um dos clientes que apanhara o táxi a partir da ex-avenida do Brasil e de 200 akz aos que o fizeram na paragem de origem, o Mercado dos Congolenses.

Livres dos passageiros, o motorista abandona a congestionada Rua da Missão, vira para a rua Reverendo Agostinho Pedro Neto, faz a inversão da marcha na Rua de Portugal, encurtando, propositadamente, o percurso de regresso aos Congolenses que, em circunstâncias normais, teria início na Mutamba.

Com esta artimanha, condutor e cobrador evitaram perder dinheiro, o que aconteceria se tivessem permanecido encurralados no troço até ao Hotel EPIC SANA. Certamente não contaram com a reacção reivindicadora dos passageiros, mas terão preferido pôr em prática o ditado velho e certeiro: "Barco parado não arrenda frete!"

22Fev15

Ao chegar à paragem, para apanhar o candongueiro para a Mutamba, deparámo-nos com dois cobradores a disputarem o enorme saco de carvão de uma cliente.

Apercebemo-nos que a zungueira havia feito o sinal de paragem ao primeiro táxi que aparecera, mas, como este tardava em retomar a marcha, a cliente trocou-o pelo que viera imediatamente a seguir. Todavia, o chamador do primeiro táxi, que fora "mandado parar", achou-se no direito de reclamar a passageira para si.

Permanecem, durante breves



Mural popular

minutos, aos puxões, até que o primeiro motorista grita pelo seu cobrador, este larga o saco, entra para o veículo, e o condutor recupera a marcha celeremente.

18Mar15

Enquanto cumprimos a rotina matinal de esperar pelo candongueiro no passeio contrário ao do Colégio ALPEGA, ouvimos uma voz infantil, tímida, vinda do nosso lado direito. Espreitámos e descobrimos, junto a nós, uma menina com a mochila às costas:

- Tio, me ajuda só atravessá a rua!

Enternecidos pelo inusitado pedido, agachámo-nos e encarámos a garota trançada, de olhar meigo e alvo, como a sua branca bata maternalmente engomada.

- O que dizes?

- Tio, me ajuda…

O adulto segura na mão esquerda da criança, no momento em que esta já a estendia ao encontro da sua. Então, ziguezagueando por entre o chorrilho de carros, fizemos a travessia em segurança.

- Fizeste bem em pedir-me ajuda. Nunca atravesses esta avenida sozinha!

- Tá bem, tio. – responde, agradecida, a encantadora criança, ajeitando a pequena garrafa de água na mochila.

17Abr15

Regressando das aulas nocturnas, avistámos um táxi. As pessoas, à espera na paragem da UNAC, agitam-se; outras vão aparecendo, a correr. Contagiado pelo frenesim da entrada dos noctívagos passageiros para a viatura, e pelo apelo estridente do chamador «Congolensi! Congolensi! Congolensi…», decidimos entrar. Em má hora o fizemos, como, a seguir, se deduzirá!

Enquanto esperávamos pela nossa vez de entrar, escutávamos a ordem peremptória do cobrador aos clientes que se vão sentando: «magrece… magrece!» Como fomos o último a entrar, coube-nos a pontinha do primeiro banco, junto à porta, originariamente do chamador, mas que ele cede para facturar mais um lugar. Ficámos com a nádega esquerda assente na borda do desgastado estofo, e a direita por cima do ferro lateral, sobressaído da base do estofo, pelo facto de este ter sido empurrado um pouco para o seu lado esquerdo.

Mal o táxi enceta a marcha, sentimos o ferro a espetar-se-nos no… ânus! Soltámos um "ai!" tímido, somente ouvido por nós! Resistimos à dor para prosseguir viagem, mas a lonjura do destino levou-nos a fincar a ponta dos pés no chão de chapa para afastar as nádegas do malévolo estofo, perfazendo o restante percurso de cócoras!

Chegados à casa, perguntámos, espetando o mataku:

- Mana, as minhas calças estão rasgadas aí em baixo?

18Mai15

Assim que o táxi arranca do semáforo, localizado na Av. HojiYaHenda, em frente à Lavandaria Sessenta, um passageiro exclama: «Este sinal encarnado demora pouco. Não é cumos do Kilamba! Aqueles? Num vale a pena! Demora uma hora pravir o verde!» - apercebendo-se da atenção dos demais passageiros, prossegue a narrativa – «Puseram lá o sistema chinês. Quando tá encarnado pròs carros, toda população passa! Os taxistas ficam bem nervoso! Se você tás atrasado pròsalo, obriga violá o sinal!».

25Mai15

Ao chegar ao Zé Pirão, o condutor do táxi em que vamos encosta-se, em demasia, a um carro aí estacionado. Que trabalheira para o motorista desenvencilhar-se da situação e retomar a marcha! Pela dificuldade da manobra e os malabarismos efectuados com o manípulo das mudanças, dámo-nos conta de que estas têm dificuldade em entrar na caixa de velocidades, que chia como dobradiça ferrugenta!

No viaduto, a seguir ao Cine Luanda, verifica-se o habitual engarrafamento subterrâneo. Dois motoqueiros, um de cada lado, vão ultrapassando, a zunir e à tangente, os carros imobilizados.

A viatura onde nos encontramos – com apenas dois dos três habituais e compridos bancos – revela dificuldades em transpor a parte íngreme da via, à saída do viaduto. Efectivamente, em determinada altura dos sucessivos "pára/arranca", a 1ª mudança recusa-se a entrar. Por isso, o táxi foi deslizando para trás. Quanto mais o condutor se esforça por encaixar a mudança, mais o carro retrocede, provocando a rápida e assustada reacção dos automobilistas traseiros, que se apressam a buzinar furiosamente! Os passageiros presenciam o caricato episódio, uns boquiabertos, outros empertigados, e os restantes… indiferentes! Finalmente, o carro caminha para frente graças ao engenho do condutor que, depois de "meter" a primeira, sustém o manípulo, com os dedos sobrantes do volante, para que a mudança não salte da caixa de velocidades!

A emoção de se fazer transportar neste tipo de táxi é semelhante à que se experiencia nas viagens em carrinhos de choque, das feiras populares; a diferença é que os táxis reais não chocam tantas vezes!

A ideia generalizada que se tem da dupla motorista / cobrador não lhes é abonatória, devido a uma série de factores, nomeadamente a sua pressa constante, a baixa escolaridade, a pouca formação cívica e o atavio relaxado, a combinar com o aspecto descuidado de grande parte dessas viaturas. Contudo, alguns há – muito poucos – que, pontualmente, têm atitudes de honestidade, sensatez e simpatia, como ilustram os três episódios seguintes:

Como preferimos, viajávamos num dos dois bancos ao lado do condutor. Ultrapassada a Embaixada Portuguesa, o cobrador brada a costumeira solicitação: «Aí à frente, toucobrá!» Distraidamente, erguemos o braço esquerdo, estendendo-lhe uma

nota.

- Pai grande, isso é muito dinheiro!- adverte o chamador, ignorando a nota exibida.

- Se é muito dinheiro, então podes ficar com o troco! – respondemos, convencidos de estar a entregar uma nota de 100 kwanzas.

- Não, kota; não dá praficácum tanto kumbu de gorjeta!

Perante a reiterada renitência do cobrador em recolher o dinheiro, olhámos para a nota e, incrédulos, apercebemo-nos do logro: tínhamos na mão uma nota de 1000 kwanzas!

Alguns dias depois, entrámos para um táxi e, como saíamos na última paragem, acomodámo-nos num dos lugares de trás. O chamador apressa-se a atirar-nos um pano de flanela:

- Toma, meu kota, pra limpares o pó do banco.

No dia seguinte, vínhamos sentados ao lado do condutor, quando, em frente à padaria da Av. de Portugal, entra, para junto de nós, um homem com uma lata de cerveja na mão, denunciando embriaguez.

- Dikota, não se pode bebé bebidas alcoólica no táxi. – adverte, lá de trás, o cobrador.

O recém-entrado, com o falar arrastado, balbucia monossílabos imperceptíveis, ignora a admoestação do chamador e faz menção de elevar a lata alcoólica à boca.

- Mais-velho, num vale a pena só insisti! Tás dá mau exemplo pràs criança que estão aqui atrás!

As palavras assertivas do cobrador tiveram o condão de despoletar, no embriagado, uma chispa de lucidez. Então, este prende a lata no interior das coxas, donde jamais a retira.

02Jun15

Na paragem da Mulembeira, frente à Angoship, uma senhora apanha um táxi, com destino ao Miramar.

Ao desfazer a rotunda, o apressado motorista curva repentina e abruptamente para a esquerda, iniciando a subida do eixo viário.

- Ai o meu coração! Moço, anda mais devagá!

- Mamãe, quem sofre de coração num anda neste carro! – Justifica-se prontamente o candongueiro, enquanto alteia o volume do velho rádio, para ouvir melhor a Kizomba que corre na pen drive.

10Jun15

Na zona do Cine Luanda, onde, geralmente, o chamador dá início à cobrança, e os passageiros vão esticando as notas na sua direcção, os que viajam sentados no banco do meio servem de intermediários, recebendo o dinheiro dos que estão no último banco e fazendo-o chegar ao cobrador.

Todavia, há um cliente, de face bexigosa e nariz pontiagudo, que se revela renitente em efectuar já o pagamento:

- Eu só pago na Mutamba!

- Se todo mundo pagou, o mais-velho engravatado – olhando para nós – já pagou, pra quê você táscomplicá? – desabafa o cobrador, atónito com a atitude extemporânea do resoluto passageiro.

- Num sou obrigado a pagá antes!

O motorista, de chinelos havaianas, acode o colega de profissão:

- Se até memo no autocarro da TCUL você pagas na entrada, prá quê tásarmá confusão?

Mas o jovem cliente levou a teimosia avante e só pagou, mesmo, na paragem terminal, Mutamba!

Apesar do aspecto descuidado e da condução insegura, os candogueiros desempenham um papel vital no dia-a-dia das populações, além de se revelarem genuínos confessionários dos populares! Por estas razões, dever-se-ia investir na sua formação cívica e técnica, seleccionar e integrar os mais competentes nas empresas públicas e privadas de transporte colectivo de passageiros, como a TCUL e a MACON Transportes, promovendo, desta forma, a sua ascensão social.

Rebites

, 04ul15, deslocámo-nos ao posto de combustível da Sonangol, junto ao Largo 1º de Maio, para abastecer a viatura de gasolina.

Enquanto esperávamos, na fila, pela nossa vez, uma chusma de rapazes, surgindo repentinamente, como que do nada, interpelam-nos à janela, impingindo-nos os mais diversificados produtos. Vamos dizendo "não, obrigado" a uns e a outros, mas acabámos por comprar um ambientador e uma capa para o volante do veículo.

Surge um outro vendedor que nos exibe uma espécie de aro metálico, de cor preta, aponta para o retrovisor e diz:

- Kota, teu carro é novo, os gatuno vão-te roubá os espelho!

- Como é que é? – perguntámos, atónitos.

- É como tou-tafalá, pai grande. Eles vão meté uma chave aqui e vão levá os dois espelho! – nem queríamos acreditar no alerta! – Num tás a vé cus pelhos só tão preso por uma mola? – explica o expedito rapaz, colocando o dedo indicador na fenda entre o espelho e a sua protecção.

- E é essa coisa ferrugenta que tu queres aplicar no meu carro? – apontámos, com o olhar, para a peça exibida.

- Não, esta é só amostra! O pai grande encosta só ali o ruca que eu vou chamá o meu avilopra vi montá!

- Eh pá, mas com isso o retrovisor vai ficar feio! – exclamámos, avançando um pouco mais na fila.

- Não, kota! O protectó num vai-se vê! O meu kamba vai parafusá dentro da protecção do espelho!

- Ai é? E por quanto é que fica o serviço?

- 15000 kwanzas.

- Nem pensar! – chegando a viatura para a frente.

- Mas ó dikota, já viu o quê andácum receio de lhiroubá os espelho? Assim, tu pões os protectó e andas cum teu rucacum mais alegria!

- Mas 15000 está muito caro. Se quiseres, dou-te 10000. – ripostámos, ao entregar a chave do carro ao abastecedor.

A seguir à bomba, o vendedor da protecção aguarda-nos, acompanhado do rapaz que vendera o ambientador. Fazem sinal e o companheiro diz:

- Pai grande, pensa só: quanto é que vais pagá se comprá uns espelho novo?

Alarmados, começámos a ceder.

- Inda por cima tua machine é nova. Os caveras procuram bué esses espelho!

- Está bem, mas eu já disse que só dou 10000!

- Depois vais ficácum remorso! – acode o primeiro.

- Paciência! – fizemos menção de retomar a marcha.

- Tá bom, intão. Fica o preço cu pai falou. Encosta só ali que eu vou ligáprò meu brader.

Aquiescemos, estacionando a viatura no sítio indicado, saindo da mesma.

O posto de combustível vai registando o seu movimento normal, com viaturas a chegar, abastecer e partir. Os frenéticos vendedores vão "atacando" cada um dos novos clientes, impondo os seus artigos, papagueando a qualidade e o bom preço dos mesmos.

Como a espera já se estava a tornar morosa, questionámos a dupla de vendedores:

- Então, ainda falta muito? Estão à minha espera para o almoço!

- Kota, a pessoa que vinha fazé o serviço, a mota dele avariou! – esclarece o que, primeiramente, propôs a tarefa.

- Então, vou-me embora! – caminhando para o Renault Duster.

- Não, pai grande, nós vamo lá! – dizem, simultaneamente, os proponentes, acompanhados, agora, de um terceiro. – O pai távé onde fica o Veneza?

Com a porta do carro aberta, respondemos afirmativamente, mas revelando, já, alguma saturação.

Os três jovens agarram nas imbambas e entram para o carro, com a ligeireza de quem o faz amiúde.

Chegados à Rua Comandante Kwenha, dois dos rapazes foram chamar o "artífice." Entretanto, o que havia vendido o ambientador, volta a solicitar-nos:

- O pai pramanté esse tablié assim bonito cumotá, tem de passá este spray! – pulverizando um pouco, sem esperar a nossa resposta!

- E isso resulta? – indagámos, desconfiados.

- Sim, kota. Num deixa o tabliéficá branco! Depois, é só passá aquelas fralda branca que se vende memo aí na rua!



Pintura de Paulo Kussy

- E por quanto é que vendes isso?

- Touvendé 4000, mas cumo pai já me comprou o ambientador, posso deixá por 3000.

- Não, nas lojas compro por 2000!

- Dá lá 2500!

Acabámos por adquirir o spray por 2000!

Entretanto, chegam os outros rapazes e o "técnico", trazendo os dois protectores, um berbequim e uma pequena bolsa contendo rebites.

Rápida e ligeiramente, o "mestre" dá início à colocação dos protectores, coadjuvado por um dos angariadores.

- Os gatunos num sacam só os retrovisó. Tamém arrancam os faróis! – adverte o mais expedito dos negociantes.

- Não me digas! – respondemos, estupefactos com o alarme.

- Sim! E costumam levátamém esses ferro do tijadilho! – acrescenta o vendedor que, até então, se mantivera em silêncio, apontando para os suportes que prendem a carga.

- Vocês querem é ficar com todo o meu dinheiro!

- Mais-velho, memo que depois vais comprá esses ferro, já num vais encontrá originais cumo esse aí! – observa o vendedor do ambientador e do spray, encostado a uma árvore.

- É melhó o paizinho aproveitá que tamos aqui, prarebitá já tudo: os faróis e esses ferro!

Vamo-nos sentindo como se, de repente, tivéssemos sido colocados no meio de um filme de terror! Amedrontados, perguntámos pelo preço do serviço completo.

- 15000? Vocês pensam que eu estou a nadar em dinheiro ou quê?

- Cumo pai já nos trouxe memo até aqui, fica intão já por 12500. - sentencia o vendedor que, no posto de combustível, mostrara os protectores do retrovisor.

- Se a minha mulher me vê chegar a casa sem dinheiro, zanga-se! – desabafámos, resignados. – Está bem. Façam lá o serviço completo!

Entusiasticamente, os rapazes pedem-nos para abrir o capô e a porta do porta-bagagem, e, de seguida, explicam a pertinência da empreitada, apontando para os faróis da frente:

- O pai távé esta porca que táprendé o farol? Os gatuno desapertam ela cuma chave!

Escutámos, embasbacados!

- Os rebites, vamolhisparafusá aqui, por cima destas pega. Memo que eles abrem o capô, prasacá o farol, vão rebentá a pega e assim num vão consegui vendé porque já num vai dá praprendé o farol noutro ruca!

- Memo tamém ninguém ia aceitá-comprá os faróis porque vão vé que é roubado! – acrescenta o mais franzino do grupo.

Achando plausível a explanação, vamos pensando na pertinência de termos sido abordados pelos jovens!

Nisto, aproxima-se outro moço:

- Pai grande, tenho aqui cola de ferro pra antena do rádio.

Enquanto observávamos o jeito desengonçado do recém-chegado, este empoleira-se no veículo, desenrosca a antena, aplica-lhe a cola, e desce, dizendo:

- Mi dá só 500 kwanzas!

- Mas esse não é o preço da bisnaga?

- Nada, mais velho. Esta cola é especial!

Desarmados, estendemos-lhe a nota!

- Meu kota, as tuas jantes inda tão novas mas vão infurrujá! - interpela o jovem menos interventivo do grupo, abrindo a velha e suja mochila.

Virámo-nos para ele, já agachado, a polvilhar o spray numa das rodas traseiras, acabando por concluir que o acinzentado do gás até nem ficara mal no rodado.

- E quanto é que me vais cobrar pelo spray nas quatro rodas?

- Costumo pedi 4000 kwanzas, pai.

- Nem pensar! Mas vocês estão combinados ou quê? Por esse preço, compro a lata e eu próprio aplico!

- Tá bem, mais-velho, dá intão só 3000. – Condescende o "pintor", enquanto se aproxima doutra jante para pintá-la, sem esperar autorização.

O docente deixa-o aspergir o spray nas quatro jantes e diz-lhe:

- Toma lá 2000 e não se fala mais nisso.

O borrifador recolhe a nota verde, com ar resignado.

No fim do serviço, um dos rapazes exclama:

- Kota, o selo do ruca? - apontando para o vidro dianteiro.

- Não estou a conseguir comprar para colá-lo! – justificámo-nos.

- Na bomba onde o mais-velho meteu gasolina, vendem!

- Então vamos até lá, que eu vos dou boleia.

Durante o trajecto, um dos vendedores entrega um pedaço amarrotado de papel com o seu contacto telefónico:

- Pai grande, nós fazemos tudo nos carro. Se precisá de novo, é só da um conection.

No regresso a casa, demos connosco a fazer contas ao dinheiro desembolsado e, assustadoramente, concluímos que tínhamos parado no posto para gastar 2000 kwanzas em combustível, mas acabáramos por despender 20000, mesmo regateando os valores inicialmente pedidos pelos jovens!

Num semáforo, olhámos para os lados e constatámos que, afinal, outros automóveis tinham os retrovisores e os faróis presos com rebites, perguntando-nos como é que não havíamos reparado nisso antes! Mais à frente, observámos uma placa rudimentar pregada numa árvore com a seguinte inscrição: «COLOCAÇÃO DE PROTECCÃO DE RETROVISORES», seguido de um número de telefone.

Esta dupla e oportuna visão fez-nos sentir um pouco mais aliviados pelo inesperado investimento: «Se calhar, os rapazes até têm razão…»

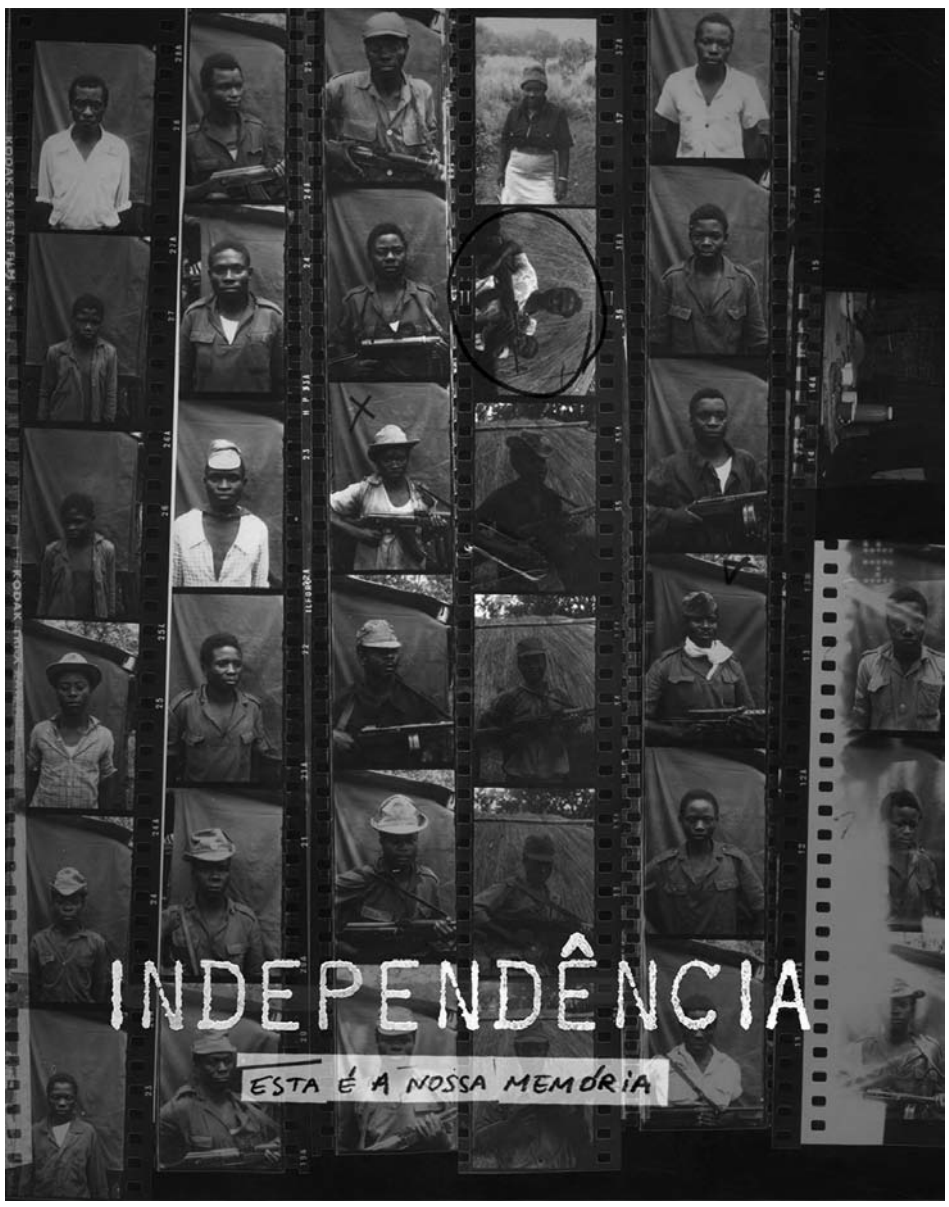


Vista da Cidade de Luanda

Associação Tchiweka de Documentação lança

FILME SOBRE A LUTA DE LIBERTAÇÃO

JOSÉ LUÍS MENDONÇA









Angola segue, independente, há 40 anos e esse facto torna urgente a necessidade de preservar os testemunhos dos que contribuíram para a luta pela independência.

A ATD (Associação Tchiweka de Documentação) produziu e apresentou em Luanda o filme Independência, com duas horas de rodagem, realizado por Mário Bastos e produzido por Paulo Lara e Jorge Cohen. A longa metragem "nasceu da necessidade de preservar a memória (e as histórias) dos que participaram na luta de libertação de Angola. O filme resultou do projecto ANGOLA – NOS TRILHOS DA INDEPENDÊNCIA, projecto que arrancou em 2010 e produziu mais de 1.000 horas de entrevistas a cerca de 600 participantes da luta pela independência e personalidades, nacionais e estrangeiras, com ela relacionadas. Quando se trata de documentar ou inventariar a História de Angola mais recente, corre-se sempre o risco de ser acusado de parcialidade. Não é este o caso. Independência, que tem como público alvo as gerações nascidas depois de 1975, pauta-se por uma bem doseada equidade no tratamento dos factos desencadeados pelos movimentos de libertação.

"HISTÓRIA E MEMÓRIA

A 11 de Novembro de 1975, Angola proclamou a independência. 14 anos depois do início da luta armada contra o domínio colonial português, o regime de Salazar recusava qualquer negociação com os independentistas, aos quais restava a clandestinidade, a prisão ou o exílio. Quando quase toda a África celebrava o fim dos impérios coloniais, Angola e as outras colónias portuguesas seguiam um destino bem diferente. Só após o golpe militar de 25 de Abril de 1974 ter derrubado o regime, Portugal reconheceu o direito dos povos das colónias à autodeterminação", lemos no kit de imprensa distribuído pela ATD.

"Independência parte de memórias da situação colonial, revela os passos iniciais da luta e percorre alguns dos seus principais cenários. De 1961 a 1974, a guerra em Angola alastrou das matas do Norte e de Cabinda para as chanas do Leste, envolvendo inúmeras pessoas, combatentes ou apoiantes da guerrilha. Entretanto, prisões e campos prisionais enchiam-se de presos

políticos. Mas, através do esforço militar e de reformas económicas e jurídicas, Portugal pôde prolongar uma guerra que não poderia vencer.

Os anos de luta evocados em Independência determinaram o rumo de Angola após 1975. Opções políticas, conflitos internos, alianças internacionais começaram a desenhar-se durante a luta anti-colonial. As principais organizações (FNLA e MPLA e, mais tarde, a UNITA) nunca fizerem um afrente comum e as suas contradições eram ampliadas pelo contexto da Guerra Fria.

Nenhuma história é "toda a História". Independência conta a luta a partir de dentro, dando voz a protagonistas angolanos de diferentes origens sociais, regionais e políticas, cujos testemunhos são menos conhecidos. Essa opção explica a ausência de outras vozes e a escolha dos entrevistados(as), cada um representando, de alguma forma, um grupo maior, trazendo a sua vivência para uma narrativa colectiva.

A memoria de uma Nação faz-se de muitas memórias, que é urgente recolher, usando a linguagem do cinema para articular memórias pessoais e arquivos.

Independência coloca-se na linha da frente contra o esquecimento da História", conclui o press release.

HISTORIAL DA ATD

A ATD, cuja sigla incorpora o nome de guerra de Lúcio Lara (Tchiweka), Nacionalista angolano da primeira linha e Veterano do MPLA, é uma associação sem fins lucrativos que tem como principal objectivo a promoção e divulgação de actividades que contribuam para preservar a memória e aprofundar o conhecimento sobre a luta de libertação dos povos africanos, centrando os seus esforços em Angola.

A ATD é, portanto, uma Associação principalmente vocacionada para a classificação, organização e divulgação de arquivos da luta anticolonial tendo já editado três livros, obras documentais, cujo conteúdo é composto por cartas, fotografias e outros documentos inéditos.

A MAIS ANTIGA ESCULTURA EM MADEIRA DA ÁFRICA BANTU ENCONTRADA EM ANGOLA

Artur da Costa S. Silva*

Foi Marie-Louise Bastin, pesquisadora especializada em arte tradicional angolana, de quem fui aluno na Université Libre de Bruxelles (ULB), que me mostrou aquela que, até agora, é conhecida como a mais antiga escultura em madeira da África banta. Exposta no Musée Royal de l'Afrique Centrale (MRAC), em Tervuren, onde tive a oportunidade dever várias vezes essa obraextraordinária,de que pouca gente conhece a origem eque pertence à colecção da Secção de Pré-História e de Arquelogia do citado Museu.

Em 1972, F. Van Noten, investigador do Musée Royal de l'Afrique Centrale, publicou um artigo, na revista Africa-Tervuren, no qual analiza pela primeira vez a escultura em questão, que M.C. Turlot encontrou em Angola e levou para a Bélgica, doando-a ao Museu em 1929.Baseando-me no citado artigo, passo a indicar, em resumo, o que F. Van Noten e outros investigadores descobriram sobre essapeça, a sua descrição e as conclusões a que chegaram.

Quando a escultura foi encontrada, o engenheirobelga M. C. Turlot trabalhava na companhia Diamang. Durante as suas prospecções no Centro de Angola, na região do rio Liavela,afluente da margem direita do Alto Kwanza, viu-se diante de um fragmento em madeira trabalhado por mão humana, que tinha sido apanhadoem cima de cascalho, sob uma camada de terra de cerca de 3,5 metros de espessura. O poço da sondagem de prospecçao mineira,muito profundo,de onde a peça foi retirada, distava alguns metros do Liavelae era evidente que o cascalho sobre o qual ela repousava fazia parte doantigo leito do rio. O leito dos rios muda muitas vezes de sentido perto da nascente.

Segundo a datação obtida por M.W.G. Mook, pelo método do radiocarbono,no laboratório de Física de Groningen, a peça deve ter sido esculpida entre os anos 750 e 850, ou seja entre os séculos VIII eIX da nossa era. Foitalhada num só bloco de madeira, que tinha sido retirado do tronco de uma árvore. Pesa 910 gramas, tem um comprimentomáximo de 50,5 centímetros e 17,4 centímetros de altura na parte mais alta. O tipo de madeira utilizada, indica que se trata do Pterocarpus angolensis DC., árvore que, no Oeste do continente africano, só se encontra em Angola, nas províncias do Kuanza Norte e do Moxico, entre outras.

A escultura representa um animal, do qual se destingue a cabeça, o corpo, e, de forma esquematizada,as quatro patas e a cauda. Há quem pense que se trata duma zebra ou de um outro equídeo, mas também poderá ser, por exemplo,um jacaré ou um hipopótamo. Na cabeça e no dorso do animal há estrias, bastante apagadas, que convergem para uma linha mediana, talvez a coluna vertebral, que fazem pensar nas riscas da pele das zebras. A cabeça é muitoalongada. O nariz e a boca, bemdesenhados, são as partes mais evidentes e melhor esculpidas. Os pequenos olhos são esboçados perto da implantação da orelhas. A abertura dos ouvidos parece ter sido feita com um ferro em brasa. As orelhas são espessas e curtas, mas talvez tenham sido mais compridas na origem. No dorso, perto da cabeça e na base da cauda vêem-se dois buracos profundos, também perfurados com um ferro em brasa,que teriam provavelmente servido para fixar plumas ou outros ornamentos. Aliás, o objecto é côncavo e pode ter sido feito para encimar uma máscara,assentando sobre a cabeça, de modo a evidenciar-se por cima da testa do mascarado.

Existiam máscaras do mesmo género na região. Segundo F. Van Noten, no livro "Lunda" (Berlim, 1935) do antropólogo alemão H. Baumann,vê-se uma prancha com uma máscara semelhante, de origem



Tchokwe, representando uma cabeça de porco.

No catálogo da Exposição Escultura Angolana, Memorial de Culturas (Lisboa, 1994), onde a peça foi exposta, Marie-Louise Bastin afirma que "a feitura e ornamentação deste objecto zoomorfo, cuidadosamente executadas, é já um presságio da qualidade das obras descobertas em Angola Central depois daquela época longínqua." E, a mesma autora, interroga-se: "E qual a sua função ? Que povo terá sido o seu autor ? Actualmente, perto das nascentes do Kwanza, vivem os Ovimbundo, Lwimbi, Ngangela, Tchokwe.Mas há mil anos?"

O Musée Royale de l'Afrique Centrale está actualmente encerrado para importantesobras de renovação e modernização que se vão prolongar até 2017. Este Museu possui um acervo de milhares de objectos, esculturas e obras-primas oriundas do continente africano, das quais só uma parte era exposta em várias salas, antes do seu encerramento em 2013. No Museu encontram-se também bibliotecas, vastos arquivos e diversos laboratórios de investigação científica nas áreas da Biologia, da Botânica, daAntropologia, etc.Quando for reaberto, é de esperar que atão antiga peça aqui apresentada, seja exposta em evidência, junto de outras belas obras provenientes de Angola, de escultores Tchokwe e Ovimbundu, que o Museu possui nas suas reservas.

*Professor jubilado de História da Arte, Academia das Belas-Artes da Cidade de Tournai (Bélgica)

Bibliografia:

-F. VAN NOTEN, « La plus ancienne sculpture sur bois de l'Afrique Centrale ? », in « Africa-Tervuren », XVII – 1972 – ¾

-MARIE-LOUISE BASTIN, autora do Catálogo da Exposição « Escultura Angolana, Memorial de Culturas », Lisboa, 1994.

Copyriht da fotografia da escultura:

"PO.00.14796, collection MRAC Tervuren; photo H. Schneebeli, MRAC Tervuren (C)"

EMBAIXADOR NORTON RAPESTA

"ANGOLANOS CONTRIBUÍRAM ENORMEMENTE PARA O DNA BRASILEIRO"



Norton Rapesta

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

"Para entender a CPLP e a cooperação cultural com Angola, é preciso lembrar que o Brasil e Angola têm uma história comum: o mesmo colonizador e o facto de que milhões de africanos, dos quais muitos angolanos, foram levados para o Brasil durante séculos, e apesar e terem sido levados de maneira forçada, contribuíram enormemente para a cultura brasileira e para o DNA brasileiro, a culinária, a língua, palavras como banguela, quitanda, cambada, são todas palavras daqui", afirmou o embaixador Norton de Andrade Melo Rapesta em entrevista ao jornal Cultura.

Na verdade, a relação Angola-Brasil possui duas dimensões: uma, internacional, que tem e ver com a língua portuguesa, a CPLP e outra, mais dual, que tem a ver com o património bantu levado para o Brasil com as populações que viviam no território que hoje integra o mapa de Angola.

Daí que o embaixador brasileiro veja o intercâmbio cultural entre Angola e o Brasil como "um reflexo, um resultado natural dessa história comum". O facto de o Brasil ter sido o primeiro país a reconhecer a independência de Angola é o resultado de "uma obrigação", disse Norton Rapesta. "Brasileiros foram também mandados para cá, também foram forçados: os Inconfidentes (da Inconfidência Mineira de 1792), condenados ao degredo em Angola e que foram morar em Benguela. E já havia comércio de produtos. Nada mais natural do que a iniciativa do Brasil de propor a criação da CPLP, não só por causa de Angola, mas porque, assim como a Inglaterra tem a Commonwealth, com as ex-colónias, a CPLP foi uma organização não comandada pela ex-metrópole, mas uma coisa horizontal, onde todos os países têm o mesmo peso... e onde se insiste na intenção de aproximar, de conhecer mais as nossas culturas".

INTERCÂMBIO HUMANO

Verifica-se, por via desse entrosamento histórico secular, um intercâmbio real, promovido por instituições privadas e por cidadãos. Os angolanos consomem muita música brasileira, o samba, por exemplo. E as novelas brasileiras, que até induzem os angolanos a falar à moda do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Um intercâmbio vivo e não oficial, que ganhou raízes de irmandade.

"Ainda bem", considerou o embaixador brasileiro. "Eu acho que a cooperação, o intercâmbio deve ser entre povos, não entre governos somente. Os governos criam as facilidades, criam muitas vezes as condições, mas cabe aos povos que têm interesses, se aproximarem. Temos música brasileira aqui e também temos música angolana no Brasil. Temos até influência da música angolana na música brasileira. Lembramos o Kalunga, quando Chico Buarque, há 35 anos, compôs uma música aqui, Morena de Angola."

Sobre o Kalunga III, quisemos saber do embaixador se iria demorar como o interregno que se verificou entre o primeiro e o segundo, ao que Norton Rapesta sorriu de caxexe: "A ideia é justamente que não esperemos mais 35 anos para ter o Kalunga III. Tudo leva a crer que será já no ano que vem, porque os artistas que vieram agora pela primeira vez a Angola querem voltar em breve e é uma forma de passar o bastão para as novas gerações que querem desenvolver reciprocamente a música dos dois países.

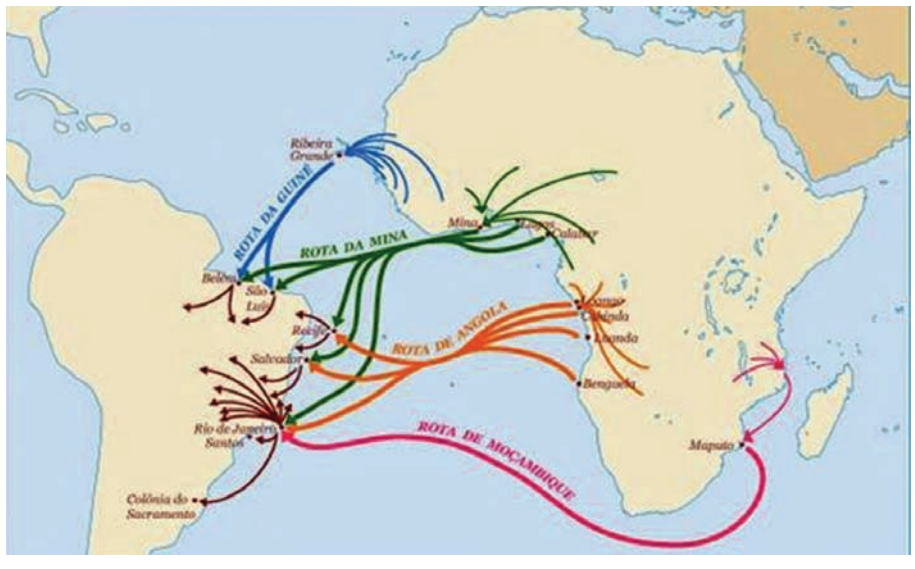
COOPERAÇÃO CULTURAL

No domínio da cooperação técnica, Angola e o Brasil firmaram dois projectos: um dirigido ao fortalecimento da Gestão do Património Cultural de Angola e outro, que visa o fortalecimento da Preservação da Memória e da Produção de Audiovisuais de Angola. Será que a crise global está a impedir a concretização plena dos acordos?

O embaixador disse que "há vários projectos em falta e que ainda não decolaram. Por vezes, é a burocracia dos dois lados, surgem outras prioridades, mas eu acho que esses são dois projectos muito importantes. Não é apenas uma questão de crise. Sei que já temos contribuído para o projecto ligado à museologia. Do audiovisual ainda não vi nada nos cinco meses que estou aqui.

40 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

O Embaixador Norton de Andrade Melo Rapesta não partiu sem deixar uma mensagem, em nome do povo brasileiro, ao povo angolano. Uma mensagem de agradecimento, porque, disse, muito do que o Brasil é hoje é devido à contribuição de Angola, do povo angolano durante séculos. "Como disse antes, a cultura brasileira é muito influenciada, o brasileiro aqui se sente em casa. Luanda podia ser uma cidade localizada entre o Rio de Janeiro e Salvador. A minha mensagem é de confiança, de esperança. Angola vai conseguir continuar a construir este belo país que já o é por natureza e de Natureza, com uma sociedade melhor, uma sociedade de maior inclusão social, com mais desenvolvimento, é um trabalho árduo, com muito esforço, muitos sacrifícios e muitos bons resultados. A nossa palavra é de esperança e de agradecimento por tudo o que nos trouxe, as empresas brasileiras estão aqui há trinta anos, contribuindo, trabalhando, formando mão-de-obra, formando angolanos, para que cada vez mais Angola ande pelos seus próprios pés."



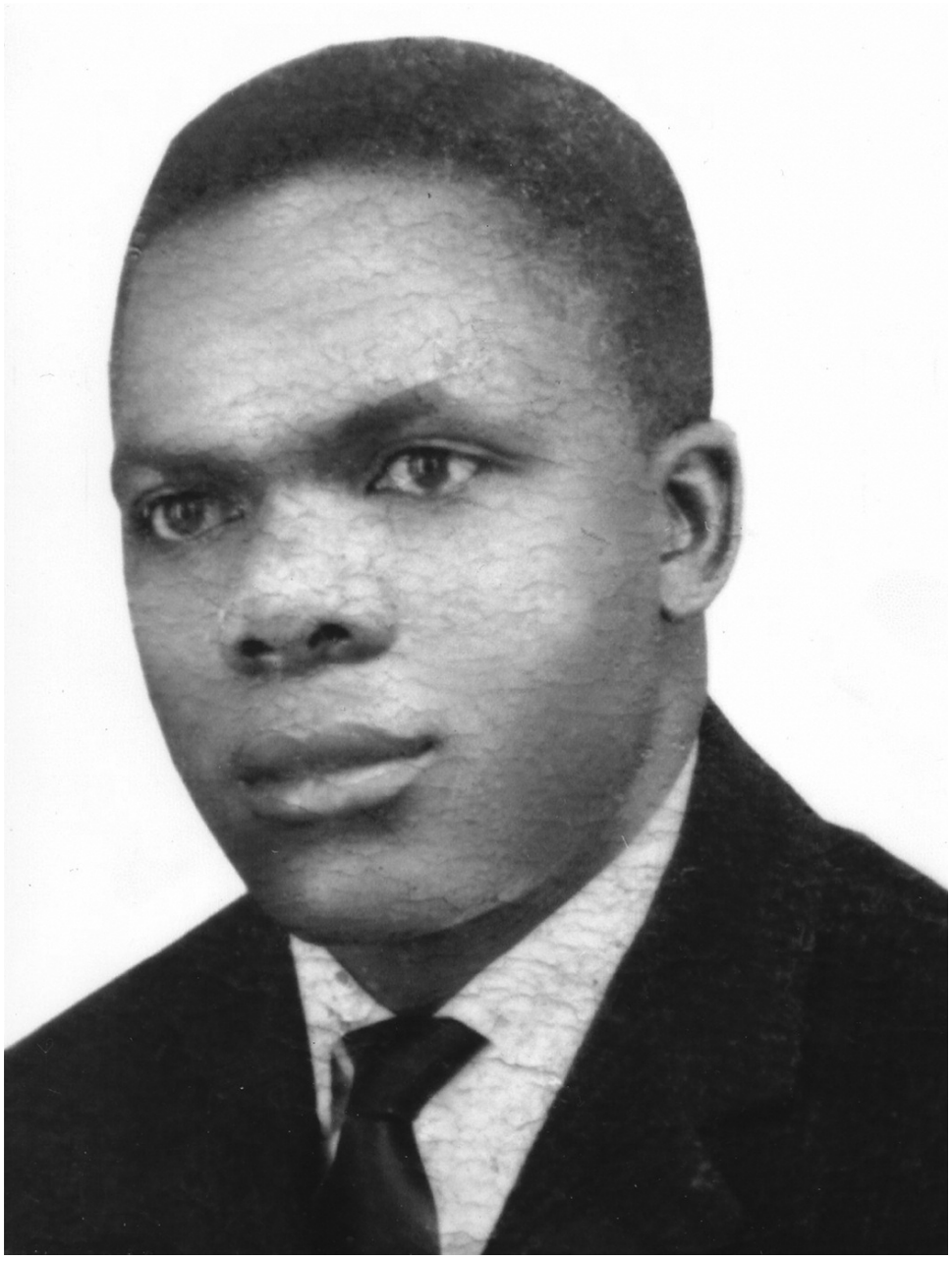
Mapa da rota dos escravos

COMO DAVID JÚLIO LUDIBRIOU A PIDE EM 1961

(Testemunho vivo da retaliação colonial ao início da luta armada de libertação)



MADALENA JÚLIO



O professor David Júlio por altura dos acontecimentos

O ABCESSO

Lembro-me que, a uma certa hora, escutávamos o programa "Angola Combatente" na rádio. O meu marido era professor e tinha muitos colegas, mas era apenas com o Sr. Domingos de Freitas (enfermeiro), que escutava o programa. Nós, mulheres, nem sempre participávamos, pois advertiam-nos do perigo que corríamos.

Um dia, o meu marido fica muito doente com um abcesso entre o pescoço e a orelha. Tinha tanta febre e tivemos de levá-lo ao hospital. A família ficou preocupada. A minha tia Luísa tomou conhecimento da situação e veio visitar-nos de Malange. Nós vivíamos em Cacuso, 75 km antes de Malange. Já estávamos há uns dias no hospital quando o médico, Dr. David Resende, chega e dá alta ao meu marido dizendo rispidamente: "Podes ir-te embora para casa!". E o meu marido respondeu, estupefacto: "Doutor, então disse-me que iria lancetar-me o abcesso... Agora vou para casa, como, se ainda não estou melhor? O doutor prometeu-me...". O médico interrompeu o meu marido, não o deixando concluir a frase, e tornou a gritar-lhe: "Vai embora!". Ficámos chocados com a sua reacção. Eu queria reclamar e ele voltou a interromper-me: "Calada! Vão-se embora!". O Sr. Freitas não estava presente na enfermaria na altura, foi avisado, e veio ao nosso encontro. Chegou e disse: "Ó David Júlio, o que é que aconteceu? Porque é que ele te está a correr?". O meu marido respondeu aborrecido: "Tu é que deverias saber. Tu é que trabalhas com ele. Quando eu dei entrada no hospital, ele recebeu-me bem, e agora que nos expulsa nem parece o mesmo médico." O meu marido não sabia o que se estava a passar. O Sr. Freitas concorda que, de facto, o meu marido tinha razão e que ele próprio estava a achar o médico muito estranho. O meu marido vestiu-se, arrumámos as nossas coisas e saiu assim mesmo do hospital, com dores e a bochecha tão inflamada que brilhava. Mais tarde, o Sr. Freitas levou-nos uns comprimidos para as dores e mais pomada.

A FUGA

No dia seguinte, ficámos a saber a razão do comportamento do médico. A cidade toda estava cercada de tropas, chamados de Magalas, de farda verde escura e preta. Os mujimbos espalhados pelos colonos portugueses eram de que os pretos eram terroristas e que queriam matar os brancos. Alguns familiares que vieram visitar o doente, avisaram-nos do que estava a acontecer. No entanto, já sabíamos. Tínhamos acompanhado tudo pelo programa "Angola Combatente". A minha tia Luísa disse assustada: "Vocês não podem mais ficar aqui! E depois, assim, com este tumor? Vamos imediatamente para Malanje!". O meu marido, relutante, respondeu: "Ó tia, também não exagera. Vamos esperar mais uns dias até que esta agitação passe." E ela retorquiu contrariada: "Não vai passar, vai piorar! Tu estás aqui dentro doente, não estás a ver o que é que está a se passar. Pergunta à tua mulher!" Eu respondi: "É verdade o que a tia está a dizer." Fui apoiada pelo Sr. Freitas e os restantes membros da família presentes, entre eles os meus pais. "A roupa que saiu do hospital está na água. Temos de lavá-la primeiro, para levarmos roupa limpa. Vamos ficar mais um dia até a roupa secar." Contudo, a minha tia ordenou-me que tirasse a roupa da água, espremesse e a colocasse em sacos de plástico para partirmos imediatamente. Ela própria ajudou-me a espremer a roupa dizendo para a minha mãe: "Nós vamos sair daqui hoje! Tu ficas com a tua neta. Vai a Madalena, o doente e o Quim." O meu filho Quim tinha meses na altura.

Eu pergunto: "Mas como vamos passar com esta tropa toda?" A minha tia respondeu: "O teu marido, vamos vesti-lo de mulher. Eles não fazem mal às mulheres, só aos homens." Pusémos as roupas molhadas em sacos plásticos amarrados, de seguida abrimos uma mala forrada com sacos e uma toalha para enxugar a humidade, onde colocámos os sacos com a roupa molhada. E fizemos outra mala com roupa limpa. Levámos o doente de bicicleta. Comprámos os bilhetes à hora em que o comboio estava a chegar. Um miúdo levou de volta a bicicleta.

Os tropas invadiram o comboio e viram três mulheres e uma criança na nossa carruagem. Não fizeram caso e avançaram para a carruagem seguinte. Antes que o comboio pudesse partir, apareceu o Sr. Freitas para despedir-se do amigo. Viu-nos da janela, sentados. Assim que se aproxima da janela, um jipe militar com Magalas estaciona na estação, próximo do comboio e os militares avançaram em nossa direcção. Imediatamente o alertamos, pois se encontrava de costas voltadas para os tropas: "Olha vêm aí uns militares." O Sr. Freitas disse-nos logo: "Ó David, eu já estou...". Neste preciso momento, o comboio apita e arranca. Ainda vimos o Sr. Freitas ser escoltado para o jipe com um militar de cada lado e, no jipe, seguiu acompanhado de mais cinco ou seis militares. Do jipe, o Sr. Freitas acenou-nos um último adeus. Nós ficámos trémulos e cheios de medo e toda viagem com o coração apertado, muito tristes, inquietos com a incerteza que agora pairava sobre o destino deste nosso querido amigo. Passámos por Matete, Zanga, Cacolo, Lombe e, finalmente, Malange. Quando chegámos ao destino, encontrámos a tropa, mas não nos fizeram mal pois mais uma vez éramos todas mulheres e apenas prendiam quando os alvos fossem denunciados. O Sr. Freitas e o meu marido ambos estavam na lista. Porém, o meu marido não foi reconhecido. Nesta mesma noite foram à nossa casa em Cacuso, onde partiram tudo, rasgaram inclusive colchões. Foram à casa do meu pai e às casas dos meus irmãos, de onde foram todos levados. Foram também presos outros colegas do meu marido. Se nós tivéssemos passado a noite em Cacuso, o meu marido também teria sido preso. Todos foram mortos. O meu pai foi posteriormente solto e a sua vida poupada, apenas por ser velho. A experiência causou-lhe um forte trauma psicológico e esgotamento emocional. A minha mãe contou-nos que ele, após a soltura, depois de ter testemunhado a morte dos filhos, apenas pedia para ser morto também.

Em Malange tínhamos os nossos taxistas de confiança, dois senhores mestiços: o Sr. Cândido e o Sr. Lima. Eram boa gente. Pedimos ao Sr. Cândido que nos levasse a Maxinde que era um bairro próximo da cidade. Durou apenas uma



David Júlio, quinto a contar da direita, com colegas de profissão em Cacuso.

corrida. Pelo caminho, o taxista manteve-se calado e ninguém fez um único comentário. Não nos perguntou o que vínhamos fazer como era de costume. E nós não dissemos nada, cheios de medo. Ficámos na casa da tia do meu marido onde dormimos todos. No dia seguinte, a minha tia Luísa, voltou para a casa dela e disse-nos que iria arranjar-nos um enfermeiro ou alguém que pudesse lancetar o abcesso, já que os médicos eram, na maioria, brancos. As coisas começaram a piorar. A tia Luísa foi à casa da filha, Maria da Conceição Baptista, mais conhecida por Maria Kamunguemba, que era enfermeira-parteira. Explicou-lhe a situação e esta prontificou-se a tratar do doente. Fomos levados imediatamente de volta à sua casa e lá ficámos hospedados, sendo que era de conhecimento público que Mariazinha estava sozinha com os três filhos e o marido ausente. Lancetaram o abcesso do meu marido, aliviando-o das dores. Entretanto, a guerra rebentou.

A PRISÃO DE MOISÉS KAMABAIA

Uns dias depois, de madrugada, apercebemo-nos de um carro a parar em frente à nossa porta. A luz forte dos faróis iluminou todo o interior da casa. Era um jipe militar dos Magalas com presos amarrados que gritavam de dor ao serem brutalmente espancados por militares. Um destes presos era Moisés Kamabaia. Apercebemo-nos disso porque ele gritava com todas as suas forças pedindo socorro, identificando-se e pedindo para que os familiares fossem avisados da sua captura, prevendo morrer. O meu tio Alfredo Piedade e o meu marido conheciam-no. O meu marido tremia de medo e, desesperado, quis instintivamente abrir a porta para se entregar. Seguiu-se uma breve briga entre o mesmo, eu, o meu tio Alfredo e a Maria, impedindo-o de sair. Às tantas, o meu tio quis acender um cigarro para o meu marido, a fim de acalmá-lo. Maria recebe o cigarro ao pai, gesticulando para não o fazer. Depois dos militares terem amarrado devidamente os presos, o jipe manobrou e partiu.

A DENÚNCIA

No dia seguinte, o meu marido e o meu tio Alfredo, não quiseram dormir em casa de Mariazinha. Passaram a noite, vestidos de panos, perto do rio Malange, cercados de pântanos e mosquitos. Impossibilitados de conseguir adormecer nestas condições, permaneceram junto ao rio, porém, apanharam um resfriado. Em casa também não conseguimos dormir, preocupadas. De manhã, os dois regressaram doentes e já não voltaram para lá. O meu tio disse: "Já não volto a ir dormir lá no rio. Vou ficar aqui em casa. Se me prenderem, pronto! Deus é que sabe. Já estou velho para estar a dormir em pântanos, à beira do rio." A minha prima diz-lhe então: "Pai, tu já estás velho, a ti não te vão prender. Tu estás a ir porque estás a acompanhar o David. É o medo que tu tens. Que possam lhe fazer mal. Tu ficas aqui e o mano David e a Madalena vão para a casa da Ana." Ana era irmã de Maria. A casa estava do outro lado da estrada, a uns 50 ou 100 metros, da nossa. A casa estava alugada, tinha dois quartos e sala, dos quais um deles estava vago. O outro quarto e sala estava alugado a um casal recém-casado sem filhos. O marido era motorista da Dra. Hortência, madrinha de casamento de Maria. Deste modo, o casal era de confiança e a sua casa estava fora do alcance dos Magalas. Como as rusgas eram feitas apenas de noite, a partir das onze ou onze e meia, meia-noite, até às quatro da manhã, e de dia estava tudo calmo, levámos o colchão e as mantas discretamente acompanhados pela mana Maria que explicou ao casal que o meu marido esteve hospitalizado em Malange, omitindo a fuga de Cacuso. O meu filho Quim ficou com a minha prima Maria e com a minha mãe que entretanto tinha chegado de Cacuso com a minha outra filha, Mena. Passámos duas noites na casa de Ana e de dia íamos para a casa da mana Maria. Nestas duas noites, o marido chegava sempre depois de nós estarmos dentro de casa. Na terceira noite, quando chegámos para dormir, como era habitual, já encontrámos o marido em casa. Chamava-se Sr. Sibinda. Ao entrarmos no nosso quarto, o Sr. Sibinda convida-nos a sentar. Diz-nos prontamente: "Ouvi uma conversa lá no meu serviço. De um terrorista que fugiu de Cacuso. Eh, ele é perigoso! Queriam matar os brancos. Eram dois, ele e mais um tal Domingos de Freitas. Huh! Mas foram descobertos! Eles tinham até armas! Meu Deus! Agora estão à caça deles. Armas para matar os brancos! Já viram?! Pensam que, só porque estudaram, já querem ser brancos, querem matar os brancos?! Armados em calcinhas. Meteram-se com estes movimentos e agora estão perdidos! Estão perdidos!!! O outro então já foi morto! Já lhe bondaram. Bem feitos! Eles estavam mbora bem. Os brancos lhes tratavam bem!" Apanhados de surpresa, nada dissemos. Pedimos licença ao casal e, calmamente, nos dirigimos para o quarto e fechámos a porta. Eles continuaram a falar baixinho na sala. Eu e o meu marido estávamos a tremer, mudos. Só depois é que o meu marido disse: "Lena, ele sabe que sou eu o fugitivo. Ele estava a falar para mim." Suspirou e disse: "Não adianta mais fugir. Já chegou a minha vez." Logo que ele me disse isso, ordeno-lhe baixinho: "Ficas aqui! Eu volto já." Ele perguntou-me: "Aonde é que vais?" Eu respondi: "Vou à mana." Ele perguntou-me, preocupado: "Mas vais fazer o quê?" Eu respondi: "Vou lhe dizer o que ouvimos." O meu marido advertiu-me: "Está a escurecer. Não vale a pena. Amanhã você conta." Eu teimei: "Você não diz mais nada. Eu volto já!" Abri a janela do quarto devagarinho e pulei, pois a casa era térrea e a distância não era elevada. Pedi ao meu marido que não fechasse a janela, que deixasse uma frincha. Como era perto, fui a correr e entrei em casa da mana Maria. Logo que ela me viu, pensou o pior: "O que é que foi, Madalena?! Aconteceu alguma coisa?" Eu contei-lhe o que ouvimos do Sr. Sibinda e comecei a chorar. Ela ordenou-me logo: "Vai buscar o teu marido e não deixem nada lá! Vestígios nenhuns! Tirem tudo! Ainda bem que é só o colchão e as mantas." Eram dezoito e trinta. A mana Maria chamou a miúda que tinha em casa, muito prestável, fazia tudo, tinha por volta de catorze anos e chamava-se Conceição. Nós tratávamo-la por São. Acompanhada da São, voltei para o nosso quarto trepando pela janela com a ajuda da mesma. Instruída pela mana, silenciosamente eu sinalizei ao meu marido para arrumarmos as coisas. Dobrar o colchão e as mantas. Passámos as coisas para a São que estava do lado de fora e justo quando me preparava para sair de novo pela janela, o meu marido travou-me. Disse-me: "Não vamos sair pela janela. Vamos sair pela porta porque eles já foram dormir." O meu marido fechou a janela com o trinco. Devagar, abrimos a porta do quarto e, pé ante pé, dirigimo-nos para a sala onde não estava ninguém. Eu estava em pulgas, cheia de medo. Saímos sem atrair suspeitas. Demos a volta à casa para encontrar a São mas ela já tinha levado as coisas. Fomos depressa para a casa da mana Maria. Assim que chegámos, a mana disse: "Olha, se aparecerem aqui os Magalas vamos dizer que já lhe levaram." Não foi necessário, porque apareceu o tio José Soares que pertencia à Milícia. Não sei se foi a minha prima ou a minha mãe que mandou avisar este tio.

Como nós, as mulheres, tínhamos livre circulação, o meu tio dizia às pessoas que em nossa casa só havia mulheres. Quase não dormíamos e, nesta mesma noite, aconteceu algo terrível. Eram duas horas da manhã, quando ouvimos carros a chegarem. Seguiram-se gritos, muitos gritos, e depois uma mulher atrás dos carros a gritar pelo marido: "Ai, meu marido! Deixem o meu marido!" Mas ninguém podia sair. De manhãzinha, eram já cinco e meia da manhã, fomos com outras vizinhas saber quem havia sido levado. O Sr. Sibinda tinha sido preso! Eram cerca de seis horas da manhã quando alguém apanhou a mão do Sr. Sibinda, reconhecendo-a, pois era um homem de grande porte e na mão, cortada no pulso, permanecia a sua aliança. A mulher, quando viu a mão do marido com a aliança, desmaiou. Ficámos a saber que o levaram porque foi ele que nos tinha denunciado. Os Magalas chegados ao quarto onde supostamente estaríamos a dormir não encontraram nada nem ninguém, o quarto estava completamente vazio. O Sr. Sibinda tentou explicar-se mas, revoltados, os Magalas levaram-no com eles. Foi morto na mesma madrugada, daí a mão caída na estrada, não muito longe das nossas casas.

DOM MANUEL NUNES GABRIEL

O bispo de Malange, na altura, era Sua Eminência Dom Manuel Nunes Gabriel. Este soube do acontecido pelo Sr. Sibinda, aquando da denúncia feita contra o meu marido, e mandou-nos chamar por intermédio de um catequista que nos foi buscar para ir ter com ele. Assim, o meu marido ficou finalmente em segurança. Eu voltei para casa da mana Maria onde estávamos hospedados. Ela tinha "visitas". Qual não foi o meu espanto, encontro a minha irmã espiritual Lucinda (afilhada da minha mãe) com o seu amante, um senhor branco. A minha mãe sinalizava para não falar absolutamente nada. Às tantas, esta pergunta: "Aonde é que está o espiritual David?" Apercebemo-nos que ela veio trazer o branco "colono", incumbido de espiar-nos. Não era usual os brancos irem às aldeias, muito menos no clima de instabilidade que se instalara com as confusões e tensões raciais em ebulição. Vinha mostrar a este senhor aonde o meu marido estava escondido. A minha prima, mana Maria, responde em tom desafiador: "Se vieram à procura do David, podem vistoriar a casa toda! Não tenho nada para esconder!" Estávamos todos no quintal da casa e ela convida os "visitantes" a entrar, dizendo: "Entrem, entrem! Estejam

à vontade." O casal permaneceu de pé. A minha mãe adianta-se dizendo, num tom de falsa lamentação: "A ele, já o levaram. Não sabemos se já foi morto ou se não", conclui com uma clara mentira. E Lucinda diz: "Não, já nos vamos embora, já vamos sair." A minha mãe instrui-me a acompanhar o casal até a porta. Ainda incrédula, a minha irmã espiritual perguntou-me: "Mas o espiritual David foi mesmo morto?! Quando é que foi morto?" Eu respondi aparentando estar extremamente triste: "Não sei quando é que o mataram... foi a semana passada que o levaram... um senhor, o senhor Sibinda foi-nos queixar... e vieram buscar o meu marido...". Basicamente, invertemos os factos com base na captura e morte do Sr. Sibinda. As perguntas pouco depois cessaram e o casal foi-se embora.

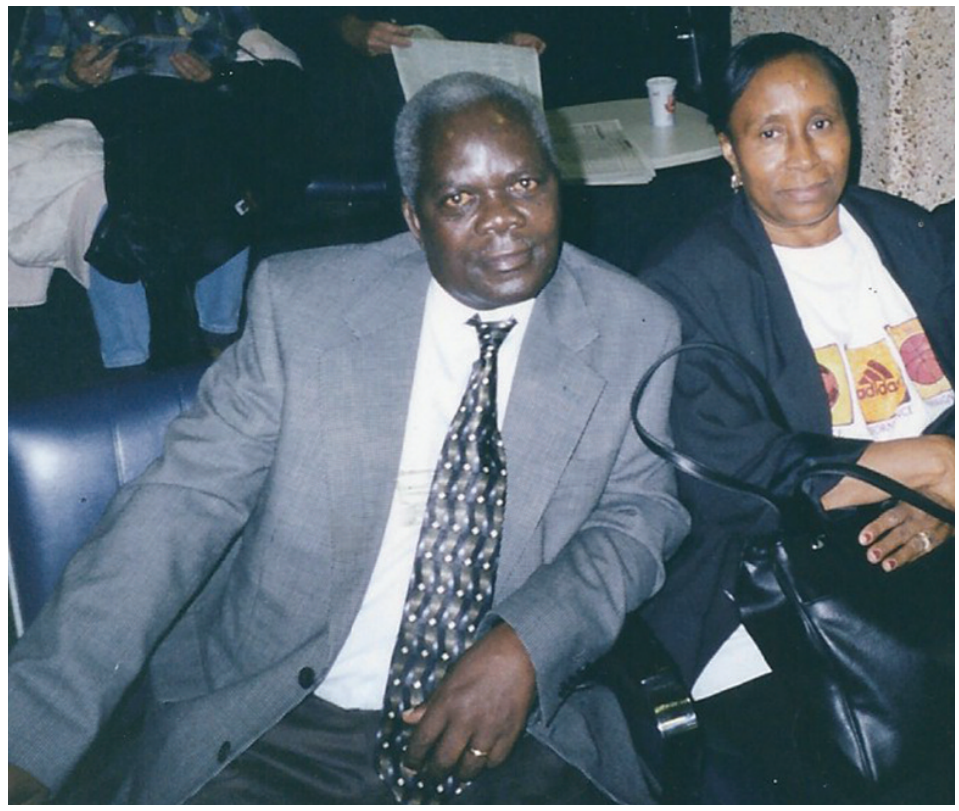
O meu marido estava seguro. Dom Manuel Nunes Gabriel era um senhor branco, arcebispo de Malange. Um homem muito bom, humano e sincero. Era protector dos oprimidos e justo. Por consequência dos seus actos de humanidade, tornou-se inimigo da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). Dirigia-se frequentemente às instituições da PIDE, pedindo clemência para as pessoas que estava a proteger em local clandestino. Certa vez, foi descalço até à PIDE onde, ameaçado pela polícia, foi alcunhado de ser "pai dos terroristas". Assim, foi para Luanda para uma audiência com a entidade máxima da PIDE. Foi recebido e entregou a este um relatório sobre o que sucedera em Malange. Este por certo já sabia destes acontecimentos. A influência e poder da Igreja Católica torna-se aqui evidente, fazendo com que o pedido do bispo fosse atendido. Foi mandado exonerar o representante máximo da PIDE em Malange. Dizia o povo por meio de boatos que circulavam na altura que este sujeito fora metido num barco de volta a Portugal, morrendo no caminho, atirado ao mar e devorado pelos peixes.

Durante o período em que o meu marido esteve escondido eu recebia o salário mensal a que tinha direito, embora não estivesse a trabalhar. Todos os meses, sem falha, até que acabou a guerra. No final da guerra, o bispo pediu-lhe que voltasse para o trabalho. O meu marido teve medo. Mas o bispo insistiu, dizendo: "Vai sem medo! Ninguém vai te tocar. Todos já sabem que estás vivo, o administrador [de Cacuso] e o seu séquito [referindo-se à PIDE e todos os outros colaboradores]. Vai e leva a tua família e ficas por enquanto na Missão [Católica]. Depois vais para a tua casa, perto dos teus sogros."

O bispo tinha razão. O próprio administrador veio dar as boas vindas ao meu marido aquando do seu regresso à vida social em Cacuso. Não encontrou nenhum dos seus amigos, nem colegas de antes. Estava rodeado de pessoas estranhas: professores novos vindos de outras partes e outras pessoas novas. Sentindo-se inseguro, com um pé atrás, o meu marido pede transferência, argumentando que queria prosseguir os estudos em Luanda, que a mulher estava doente e ele próprio não se encontrava bem de saúde, preferindo uma mudança. A transferência foi aceite e viemos para Luanda.

Em 1964/65 já em Luanda, decidimos homenagear o bispo, que na altura também já se encontrava em Luanda. Convidámos Sua Eminência Dom Manuel Nunes Gabriel e mais alguns colegas ex-seminaristas. Na homenagem escrita, o meu marido agradeceu tudo o que Sua Eminência tinha feito por nós e por todos os outros que ele ajudou. Todos os presentes enalteceram o gesto e o bispo ficou muito emocionado, agradecendo também. Este relato escrito deve estar no Paço em Luanda e em Portugal, pois assim nos foi prometido pelo bispo, por ser um documento histórico. O bispo foi um Pai, um amigo, um conselheiro. Nós temos imenso apreço por ele, gostávamos muito dele. Em Luanda, estiveram sempre juntos. Agora que estão lá os dois, que Deus os tenha à direita do Pai em Sua glória. Que as suas almas descansem em paz.

OBS.: Moisés Kamabaia referido neste relato como um dos presos capturados na madrugada amarrado a um dos jipes dos Magalas, sobreviveu. Anos mais tarde, o meu marido (ainda em vida, já enfermo da doença que o viria a levar) e o mesmo, tendo vindo visitá-lo com mais um ex-seminarista, recordaram estes acontecimentos. O meu marido relatou a sua experiência e o Moisés o tivera, na altura, aconselhado a escrever a sua história. Quis o destino que tal não viesse a materializar-se. Portanto, onde quer que se encontre o senhor Moisés, quero desde já agradecer-lhe e dedicar-lhe também este singelo relato.



David Júlio com a esposa, mais recentemente.



Tropa colonial em patrulha.

UM AMANHÃ MELHOR

Infelizmente este não foi o único episódio trágico e sangrento na história do nosso país. Em 1974, após o 25 de Abril em Portugal, conhecido como a Revolução dos Cravos, nós, angolanos, satisfeitos com a queda do governo fascista de Salazar vimos mais palpável o sonho da nossa dipanda. Então, começaram os acontecimentos por consequência da "abertura" e "livre expressão" que então passamos a ter. Houve a expulsão dos colonos pelos nacionalistas angolanos. Os movimentos pró-independência que se encontravam nas matas começaram a regressar ao país. Aí começou a guerra dos movimentos. Nesta guerra, o meu irmão, do MPLA, morreu envenenado na Lunda. Com as minhas mãos cozi à máquina bandeiras do MPLA e de Moçambique para serem distribuídas. Foi um pedido do meu primo como irmão, que vivia comigo, José Paulo Nicolau, que pertencia à JMPLA. Por vezes cozia toda a noite sem descanso, o mesmo fazendo-me companhia. Para nosso espanto, em menos de dois anos após a independência, em Maio de 1977, veio o malogrado 27 de Maio. Trouxe a dor e o luto para minha família mais uma vez e para milhares de outras famílias angolanas. Foi uma dor tão grande e indescritível. Isto para dizer que estes 40 anos de independência devem servir para um momento de reflexão profunda por parte desta geração que passou e que muito deu para este grande país. Os episódios acima descritos embora tristes e carregados de mágoa não devem ser esquecidos. É importante dialogarmos abertamente sobre o passado e retratá-lo de forma precisa e fiel para que os erros não se repitam. É nosso dever como pais, educadores, professores e dirigentes deixarmos a promessa de um amanhã melhor para a geração vindoura.

Resumo da Prancha anterior:

O acontecimento distraiu momentaneamente a jovem guerreira. O soldado sul-africano viu nisso a oportunidade de escapar-se e aproveitou-a. Tiros foram disparados na sua direcção, mas o fugitivo apelou a todo o seu treinamento e prosseguiu na fuga...

A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO 7

Por: LITO SILVA



PARADA dos KANDENGUES

©SismaComics

www.sismacomics.com





